



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

ÂNGELA ARAGÃO DE OLIVEIRA

A PRODUÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL DE AFÁSICOS

RECIFE

2008

ÂNGELA ARAGÃO DE OLIVEIRA

A PRODUÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL DE AFÁSICOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Erideise Gurgel da Costa e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar.

RECIFE

2008

O48p

Oliveira, Ângela Aragão de

A produção de gênero textual de afásicos / Ângela Aragão de Oliveira ; orientador Erideise Gurgel da Costa ; co-orientador Marígia Ana de Moura Aguiar, 2008.
112f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, 2008.

1. Afasia. 2. Afásicos - Reabilitação. 3. Linguagem. I. Título.

CDU 615.721.3

A PRODUÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL DE AFÁSICOS

Ângela Aragão de Oliveira

Prof^a. Dr^a. Erideise Gurgel da Costa

Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Data: ____ de _____ de 2008.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Erideise Gurgel da Costa
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar
Universidade Católica de Pernambuco
Co-orientadora

Prof^a. Dr^a. Evangelina Maria Brito de Faria
Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilar de Melo
Universidade Católica de Pernambuco
Examinador Interno

RECIFE

2008

*Para meus pais, Givaldo e Ismeraldina, razão da
minha existência, e pelo amor incondicional
demonstrado em todos os momentos de minha
vida.*

AGRADECIMENTOS

Às Professoras, Dr^a. Erideise Gurgel (orientadora) e Dr^a. Marília Aguiar (co-orientadora), pela compreensão, incentivo e apoio em todos os momentos deste estudo. Agradeço sinceramente todo o carinho e atenção.

Às Professoras, Dr^a. Evangelina Maria e Dr^a. Fátima Vilar, pela disponibilidade e sugestões fundamentais para a finalização deste estudo.

À amiga e companheira, Júlia Marinho, por todos os momentos compartilhados durante o desenvolvimento deste estudo.

Aos amigos (as), professores e funcionários do mestrado em Ciências da Linguagem, por todo o conhecimento profissional e pessoal compartilhado durante estes dois anos de convivência.

Às amigas, Michelle Rocha, Ana Carolina Calheiros, Valdicelma Gonçalves, Nayara Paes, Edynara Azevedo e Andrezza Câmara, pela amizade, todas contribuíram, à sua maneira, muitas vezes, com uma simples palavra de apoio ou mesmo quando se disponibilizaram a ouvir meus desabafos.

Aos afásicos participantes do Grupo de Convivência do Portador de Afasia, pela grande lição de vida e carinho durante nosso convívio.

A todos aqueles que não foram citados, mas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu agradecimento.

“Os sonhos trazem saúde para a emoção, equipam o frágil para ser autor da sua história, renovam as forças do ansioso, animam os deprimidos, transformam os inseguros em seres humanos de raro valor. Os sonhos fazem os tímidos terem golpes de ousadia e os derrotados serem construtores de oportunidades.”

Augusto Cury

RESUMO

A afasia é uma patologia que interfere diretamente na comunicação do indivíduo, principalmente no aspecto expressivo. Na maioria dos casos, quando o afásico encontra-se em processo de (re)habilitação, é dado mais ênfase ao aspecto da oralidade, deixando de lado a escrita. Todavia, a comunicação é constituída destas duas modalidades, e, portanto, é interessante desenvolver trabalhos que visem também a escrita. Cabe aqui ressaltar que, em alguns casos, a expressão escrita encontra-se tão deficitária quanto a oral, sendo necessário incluí-la no processo terapêutico. Deste modo, o estudo da produção textual, na modalidade escrita, utilizando os diferentes gêneros textuais, teve como finalidade observar as alterações que a afasia acarreta na escrita do sujeito acometido por esta patologia, além de proporcionar uma nova abordagem no processo terapêutico do afásico. Para tanto, participaram desta pesquisa 04 sujeitos portadores de afasia que fazem parte da Oficina de Escrita do Grupo de Convivência da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a qual tem como finalidade abordar e trabalhar os aspectos relacionados à linguagem escrita. A análise dos dados foi qualitativa, uma vez que este estudo se propôs a observar a produção textual do afásico diante de diferentes gêneros textuais, e assim identificar qual o gênero textual mais recorrente e produzido com maior facilidade pelo portador de afasia. Após a análise dos dados coletados, foi possível observar que os afásicos apresentaram facilidade em produzir gêneros textuais ligados a situações concretas, em contraposição à produção dos gêneros que necessitaram realizar uma relação com situações abstratas. Deste modo, é importante que os fonoaudiólogos admitam uma postura funcional ao invés da organicista, possibilitando o distanciamento dos testes que focalizam usos descontextualizados da linguagem, os quais excluem os aspectos subjetivos e heterogêneos da linguagem. Portanto, a (re)habilitação da afasia deve permitir que os afásicos utilizem práticas de escrita que só os gêneros escritos podem proporcionar, uma vez que esta postura mostra-se como um caminho frutífero para o trabalho terapêutico fonoaudiológico.

Palavras-chaves: afasia, gêneros textuais, linguagem.

ABSTRACT

Aphasia is a disease that interferes directly in the communication of the individual, specially the in expressive one. In most cases, when the aphasic is in the process of (re) empowerment, is given more emphasis on the aspect of oral, leaving aside the writing. However, communication consists of two ways, and therefore it is interesting development work aimed also to write. It is noted that in some cases, the writing, is so poor as to oral and it is necessary to include it in the therapeutic process. Thus, the study of textual production, in written form, using the different genres textual, had intended to observe the changes that aphasia carries on writing of the subject affected by this pathology, in addition to providing a new therapeutic approach in the process of afásico. To do so, participated in this search 04 subject bearers of aphasia that are part of the Workshop on Writing Group's Convivência of the Catholic University of Pernambuco (UNICAP), which aims to address the issues and work related to the written language. The analysis of the qualitative data was, as this study is proposed to observe the production textual the aphasic before textual different genres, and so identify what kind textual more applicant and produced more easily by the bearer of aphasia. After analysis of the data collected has been that afásicos showed ease in producing textual genres linked to concrete situations, as opposed to production of the genera needing achieve a relationship with abstract situations. Thus, it is important that fonoaudiólogos, admit a posture functional instead of organicista, enabling the distancing of tests, focusing uses descontextualizados of language, which exclude the heterogeneous and subjective aspects of the language. Therefore, the (re) Empowerment of aphasia should allow the afásicos use practices of writing that only the written genres can provide, since this attitude shows itself as a path for the fruitful work therapeutic fonoaudiológico.

Key-words: aphasia, textual genres, language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos Sujeitos.....	57
---	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição da produção textual por sujeito.....	59
---	-----------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Produção escrita do sujeito 01 (S01) na descrição de características pessoais.....	61
Figura 02 – Produção escrita do sujeito 02 (S02) na descrição de características pessoais.....	62
Figura 03 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de características pessoais.....	63
Figura 04 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na descrição de características pessoais.....	63
Figura 05 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no anúncio de classificados.....	66
Figura 06 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no anúncio de classificados.....	67
Figura 07 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no anúncio de classificados.....	68
Figura 08 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) no anúncio de classificados.....	69

Figura 09 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no convite de festa junina.....	71
Figura 10 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no convite de festa junina.....	72
Figura 11 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no convite de festa junina.....	73
Figura 12 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) no convite de festa junina.....	74
Figura 13 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na descrição de opinião sobre a oficina de escrita e auto-avaliação.....	76
Figura 14 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de opinião sobre a oficina de escrita e auto-avaliação.....	77
Figura 15 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na descrição de opinião sobre a oficina de escrita e auto-avaliação.....	78
Figura 16 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na história em quadrinhos.....	80

Figura 17 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na história em quadrinhos.....	81
Figura 18 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na história em quadrinhos.....	83
Figura 19 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na história em quadrinhos.....	84
Figura 20 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na bula de remédio.....	86
Figura 21 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na bula de remédio.....	87
Figura 22 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na narrativa pessoal.....	90
Figura 23 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na narrativa pessoal.....	90
Figura 24 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na narrativa pessoal.....	91

Figura 25 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no cartão de aniversário.....	93
Figura 26 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no cartão de aniversário.....	94
Figura 27 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no cartão de aniversário.....	95
Figura 28 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) no cartão de aniversário.....	96
Figura 29 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na descrição de opinião sobre a festa de aniversário.....	97
Figura 30 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de opinião sobre a festa de aniversário.....	97

SUMÁRIO

1. Introdução	16
2. Fundamentação Teórica	19
2.1. Fala e Escrita.....	19
2.1.1 Gêneros Textuais.....	23
2.2. Alfabetização e Letramento.....	29
2.3. Afasia.....	37
2.3.1. A Afasia e suas repercussões na Linguagem.....	40
2.3.1.1. Afasia de Broca ou Distúrbio da contigüidade.....	41
2.3.1.2. Afasia de Wernicke ou Distúrbio da similaridade.....	44
2.4. Afasiologia e Escrita.....	45
3. Procedimentos Metodológicos	50
4. Resultados e Discussões	59
5. Considerações Finais	99
6. Referências	102
Anexo e Apêndice	

1. INTRODUÇÃO

A linguagem envolve troca de experiências, expressão de idéias, opiniões, apreciações, adaptação ao meio e integração ao grupo. Constitui

uma forma de interação: mais do que possibilitar a transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando (GERALDI, 1999, p. 43).

O homem vem buscando estudar o fenômeno da linguagem e de sua evolução, consolidando-a como ciência e procurando, na história, explicar a competência humana no que se refere à comunicação, seja ela oral, escrita ou qualquer forma que possibilite a interação social.

O fato é que o homem não apenas desenvolveu a linguagem, mas através de sinais e símbolos, criou meios de representá-la. A descoberta da escrita contribuiu de forma essencial para a comunicação e para o desenvolvimento da linguagem como ciência. A evolução e o aperfeiçoamento das formas inventadas pelo homem para promover a comunicação possibilitou apreender que, mesmo a escrita tendo sido inventada após a descoberta da fala, permeia praticamente todas as práticas sociais dos povos que a utilizam (HILGERT, 2007).

A incapacidade em se comunicar através do emprego adequado da linguagem constitui-se em um grave problema, que atinge não só o afásico, mas a todos que com ele convivem ou que dele dependem. O sujeito, na afasia, percebe que não tem mais controle sobre sua forma de exteriorização verbal, e para a família, na maioria das vezes, sua presença torna-se um incômodo, já que, comumente, não sabe lidar com o sujeito no dia-a-dia, acarretando em um aprisionamento do afásico dentro de si mesmo e uma ruptura com o mundo exterior. No cotidiano da prática fonoaudiológica, este fato é bastante comum. É possível

percebê-lo e confirmá-lo nas informações de profissionais e nos relatos da família desse sujeito. A ruptura nas relações pessoais gera limitações e dependência de terceiros, uma vez que a afasia atrapalha desde as funções essenciais até o convívio em sociedade.

O trabalho com o afásico, portanto, deve ter por objetivo a promoção de condições para uma melhor qualidade de vida, amenizando os aspectos negativos gerados por esta afecção, pois, como bem afirma Morato (2002, p. 51), “evitar a comunicação com o afásico por achar que não poderá ser compreendido por ele ou que ele não compreende o que é dito é, sem dúvida, uma das maiores frustrações que a afasia pode implicar”.

Por conseguinte, trabalhos voltados para os aspectos da linguagem, seja na modalidade oral e/ou escrita, são de grande relevância para os estudos ligados a esta patologia. Nesta pesquisa, será abordada a questão da linguagem escrita e a utilização dos diferentes gêneros textuais no atendimento de pacientes afásicos. Na prática clínica fonoaudiológica, a ênfase, normalmente, é dada apenas à expressão oral, deixando de lado a escrita. No entanto, cabe aqui ressaltar que, em alguns casos, a expressão escrita encontra-se tão deficitária quanto a oral, sendo necessário incluí-la no processo terapêutico, sobretudo que, pode constituir-se uma forma alternativa de comunicação quando a fala é muito prejudicada e a escrita preservada.

Essa perspectiva pode fazer com que o afásico fique mais perto do seu dia-a-dia e desenvolva sua comunicação de forma mais abrangente, superando suas dificuldades comunicativas, já que, algumas vezes, na prática clínica fonoaudiológica no atendimento de pacientes afásicos, ocorre uma atuação baseada em práticas metalingüísticas, adotando estratégias de terapia baseadas em protocolos, em

atividades de linguagem prontas em que o paciente fica restrito às questões que estão colocadas diante de si, limitando e fechando o seu discurso. A abordagem terapêutica que venha a utilizar os diferentes gêneros textuais pode fazer com que o paciente fique mais perto do sujeito que ele era anteriormente, promovendo uma maior aproximação com o seu dia-a-dia.

Pretende-se, com este trabalho, destacar o papel que os gêneros textuais, podem exercer na terapia fonoaudiológica do afásico, em especial na produção escrita desse sujeito. Desta forma, o presente trabalho teve como objetivo identificar os gêneros textuais mais recorrentes na produção escrita do afásico. Para este fim, observou-se a escrita do afásico através da produção de diferentes gêneros textuais, e, posteriormente, identificado o gênero textual mais recorrente e produzido com maior facilidade pelo afásico. O trabalho teve como meta sugerir estratégias de uso da escrita com base nos achados da pesquisa, como forma de ajudar no processo interativo do afásico, promovendo, como consequência, a sua inserção social. Assim, a pesquisa buscou traçar o perfil da produção escrita do afásico em relação aos gêneros textuais, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento da terapia fonoaudiológica do afásico em relação a sua produção escrita, possibilitando uma intervenção mais direta e objetiva nesta modalidade de comunicação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. FALA E ESCRITA

Ao longo do tempo, os conceitos sobre a fala e a escrita, vêm passando por transformações. Os estudos desenvolvidos entre 1950 e 1980 (CHAFE, 1982; HALLIDAY, 1987), defendiam uma visão dicotômica para estas duas modalidades da língua. Entretanto, com o decorrer dos anos, esta visão dicotômica foi sendo substituída, e a relação entre fala e escrita passou a ser vista dentro de um *continuum*, embora alguns estudiosos acreditem haver uma hierarquia entre elas (BIBER, 1988; TANNEN, 1982b; MARCUSCHI 2000), e seguem este pressuposto.

Para Marcuschi (2003. p. 17), oralidade e escrita são práticas e usos da língua, mas não tão suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos. Segundo ele, “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos” (1995, p.13). Essa posição é adotada por Ramos (1997) que defende que a correlação entre fala e escrita está num *continuum* das práticas sociais.

Estudos desenvolvidos a respeito da relação entre língua falada e língua escrita destacam que estas modalidades são apresentadas, como discursos não-planejado x planejado (OCHS, 1979), discurso fragmentado x integrado (CHAFE, 1982, 1985), discurso contextualizado x descontextualizado (TANNEN, 1982a), dentre outros. Por outro lado, a dificuldade de distinguí-las de forma objetiva, levou alguns estudiosos a classificá-las dentro de um *continuum* (TANNEN, 1982a; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 1994, e outros), em cujas extremidades encontram-se os textos típicos de cada uma dessas modalidades. Dessa forma, o familiar (na oralidade) e o

superformal (na escrita), abarcam uma escala gradativa de formalismo, com peculiaridades ora da fala, como hesitações, correções, pausas, marcadores conversacionais (língua falada coloquial); ora da escrita: frases completas e complexas (língua escrita formal). Neste contexto, parece que os usos de textos e suas situações (palestras, conversas, diálogos ao telefone, etc.) é que determinam o formalismo gradativo, e não as modalidades da língua (BEZERRA, 1998). Este tema será retomado com maior embasamento e especificidade no item dedicado aos gêneros textuais.

Um dos estudiosos que se destaca nessa perspectiva é Bakhtin, que passa a compreender a língua de uma forma diferente dos estudiosos da sua época. Para Bakhtin (1987, p.109), a verdadeira substância da língua (...) não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas (...) mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e das enunciações. Por conseguinte, a concepção da linguagem como sistema pré-estabelecido, estático, centrado no código, foi superada pela concepção de que a linguagem é um sistema dinâmico, instrumento de interação social e formador de conhecimento (MAGNANTI, 2001). Assim, de modo geral, a linguagem é tida como processo de interação entre sujeitos sócio-historicamente situados (CUNHA, 2005).

A linguagem escrita e a linguagem oral não compõem modalidades estanques e apresentam características específicas, exclusivas de cada uma, como a reedição de texto, na linguagem escrita e a gesticulação na linguagem oral. Deste modo, o sujeito não escreve do mesmo modo que fala, e as diferentes condições de produção de uma e de outra possibilitam a criação de diferentes modalidades de linguagem (BOTELHO, 2007). Estas modalidades (falada e escrita) são concretizações de uma mesma gramática, com variações na forma em que as

atividades lingüísticas são distribuídas entre estas modalidades, devido a diferenças temporais, sociais e individuais (KATO, 1986).

Todo ser humano, tem a competência de falar; já a escrita precisa ser adquirida, pois não é de acesso a todos. Na escrita, é possível transcender à situação imediata da fala, processo conhecido por refacção, quase impossível de ocorrer na fala, pois o dito, dificilmente se retifica de forma eficaz, quando processado pelo ouvinte. Deste modo, pode-se proferir que a escrita é um processo mais abrangente, uma vez que alude aos atos de pensar e planejar, contrária à fala, que é imediata, sem tempo para ser planejada, na qual a repetição de um item lexical constitui uma exigência facilitadora para o processamento da informação (LIMA, 2007).

A língua, oral e escrita, apresenta uma multiplicidade de usos, que ocorrem a depender dos interlocutores, situação ou mensagem a ser transmitida. Essas variedades, chamadas por alguns de registros, detêm graus variados de formalismo que, de acordo com Travaglia (1996, p. 54), baseado em Bowen (1972), vão do texto oratório (texto elaborado, usado em situação muito formal) até o íntimo ou familiar (texto pessoal, privado, com presença marcante da linguagem afetiva).

Os textos orais são estruturados a partir da gradação na formalidade e de acordo com as informações que o locutor tem sobre seu interlocutor. Segundo Halliday, McIntosh e Strevens (1974), essas informações são o status desse interlocutor; o conhecimento sobre o assunto a ser abordado que o falante supõe ter o ouvinte; a diferença do falante em relação ao interlocutor e a norma lingüística a ser usada que o locutor pressupõe ser a esperada pelo interlocutor. Contudo, não se deve esquecer que, do ponto de vista do locutor, seus textos orais vão receber influências ainda do maior ou menor grau de letramento que detém (BEZERRA,

1998). Assim, quanto mais convívio com a escrita e a leitura tem o falante, mais sua fala procura simular a escrita (KATO, 1986), num processo oposto ao que acontece quando se entra no mundo da escrita, já que, inicialmente, a fala influencia a escrita e, posteriormente (quando o grau de letramento aumenta) a escrita passa a influenciar a fala (BEZERRA, 1998).

Quando se observa a história da humanidade, é possível perceber que a escrita surgiu muito tempo depois da comunicação oral, desempenhando vários papéis, dentre eles, o de fixar, conservar, transmitir e normatizar a língua. Alguns estudiosos, como historiadores e antropólogos, referem como hipótese para o surgimento da escrita o fato do confronto com a oralidade. Esse confronto pode ser visto como uma equação e/ou divisão, o que contribuiu para gerar visões otimistas e pessimistas referentes às possibilidades da oralidade e da escrita no mundo contemporâneo (ROCHA, 2006).

A comunicação entre os seres humanos a partir da escrita permitiu ultrapassar as barreiras do tempo, no que se refere à recepção de mensagens, facilitando o intercâmbio da informação. E, mesmo não sabendo, até hoje, explicar qual o principal motivo para o seu surgimento, uma vez que a principal causa para a criação da escrita foi diferente para cada povo, e provavelmente a partir da confluência de inúmeras causas, uma coisa é certa, o domínio da língua escrita marca o início da história humana. Conseqüentemente, a invenção da escrita, pode ser vista como um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois ela representa as idéias que podem ficar registradas no tempo, em contraposição à fala, que, se não for gravada se esvai com o passar dos anos (SOUZA, 2001).

Ainda, nessa linha, é correto afirmar que a escrita é a mais importante descoberta técnica dos homens, pois foi a partir dela que ocorreu o progresso

tecnológico. Com sua utilização, inúmeros conhecimentos antes soterrados pela oralidade foram resgatados por novas gerações, constituindo a ciência, que é uma nova modalidade de colaboração humana, já que o ato de escrever é visto como uma forma de registrar os conhecimentos e criar novas modalidades de entendimento (MELLO JR, 2000).

A produção escrita permite o compartilhar de idéias, despertar sentimentos, persuadir e convencer pessoas, ou seja, desvendar e articular idéias de uma maneira que só é possível através da produção escrita (VIVIAN, 2003). Ainda em relação a este ponto, Smith (1982) destaca que o indivíduo que não pode escrever pode ser comparado a alguém que perdeu um membro importante, a visão ou a audição.

Para entender melhor a noção de *continuum* na relação fala e escrita, é importante destacar a noção de gênero textual e sua relação com os contextos diários em que o sujeito encontra-se imerso.

2.1.1. GÊNEROS TEXTUAIS

A discussão a respeito dos “gêneros do discurso” teve início com Bakhtin, na década de 50. Segundo este autor:

qualquer enunciado considerado isoladamente e, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo assim que denominamos gêneros de discurso (1997, p.279).

Para ele, todas as esferas da atividade humana utilizam a língua para elaborar seus enunciados de acordo com as suas necessidades. Desse modo, para Bakhtin, enunciado constitui uma “unidade real da comunicação verbal” (1997, p.90).

Neste trabalho será utilizada a noção de gênero de Bakhtin (1992), devido a dois motivos: primeiramente, dentro da lingüística, suas idéias têm sido adotadas como ponto de partida por grande parte dos estudos sobre gênero; segundo, e mais importante, pela relevância e adequação de suas observações sobre o tema.

As teorias mais recentes sobre gêneros textuais mostram que a classificação de gêneros – narração, descrição e argumentação – não dá conta das diferentes práticas sociais da fala e da escrita, pois privilegiam apenas as modalidades ou formas de organizar as informações nos mais variados gêneros. Assim, narrar os fatos, descrever objetos, pessoas e cenários, argumentar em defesa de um ponto de vista, por exemplo, são práticas do cotidiano de todos nós.

Nessa perspectiva, os gêneros são formados nas estruturas e processos sociais, e resultam das ocasiões sociais convencionalizadas em que a vida social acontece (LINS, 2007).

Para Marcuschi (2002, p. 22), gêneros textuais constituem:

os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Os diversos gêneros textuais apresentam peculiaridades lingüísticas e formais muito distintas. Cada gênero apresenta uma finalidade específica, e, conseqüentemente, apresenta características bastante particulares. Ao levar em consideração cada situação comunicativa, baseando-se nos aspectos de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático e estilo, um gênero pode apresentar-se em subgêneros. Assim, o gênero (carta) tem como

subgênero a carta de recomendação, comercial, pessoal, entre outras (DUTRA, 2006).

No tocante à classificação dos diferentes gêneros, é interessante atentar-se primariamente, para a questão da sua diversidade. Para tanto, Bakhtin (1992) refere que é importante considerar a diferença fundamental entre os gêneros primários (simples), que se constituiriam em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (a réplica do diálogo cotidiano, a carta) e os gêneros secundários (complexos) que apareceriam “em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica” (p. 281). Ainda segundo este autor:

ignorar a natureza do enunciados e as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (1992, p. 283).

Para Marcuschi (1996), é a partir de um trabalho de classificação que surgirá uma noção precisa de gênero, além de colaborar para a compreensão da relação entre a fala e a escrita, dos processos de contextualização e de seleção lexical e estilística. Em decorrência, os gêneros são vistos como “modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso” (p.4). Destaca, a distinção entre gênero (forma concretamente realizada, encontrada nos diversos textos empíricos) e tipo textual (construto teórico que abrange categorias determinadas que podem ser oral ou escrito, literário ou não-literário).

Como conseqüência, a classificação tradicional de gênero está sendo substituída pela noção de seqüência, defendida por Adam (1987). O termo

“seqüência” vem sendo empregado no Brasil ao lado de “tipo de texto” (MARCUSCHI, 2002) ou “tipo textual” (SILVA, 1999) para nomear as diferentes formas de organizar as informações no texto. Assim, por tipo textual entende-se: espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) (MARCUSCHI, 2002).

Marcuschi (2002, p. 29) apresenta uma breve definição de cada seqüência textual, algumas identificadas por Adam, exceto a conversacional, que é a mais primária das formas de organizar o discurso:

um elemento central na organização de **textos narrativos** é a seqüência temporal. Já no caso de **textos descritivos** predominam as seqüências de localização. Os **textos expositivos** apresentam o predomínio de seqüências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os **textos argumentativos** se dão pelo predomínio de seqüências contrastivas explícitas. Por fim, os **textos injuntivos** apresentam o predomínio de seqüências imperativas.

Assim, torna-se mais viável olhar para a linguagem em uso por meio de suas manifestações genéricas, que se materializam linguisticamente em textos com propósitos particulares e em situações sociais particulares de interação dos falantes. É esta a concepção de gênero defendida por Marcuschi (2002).

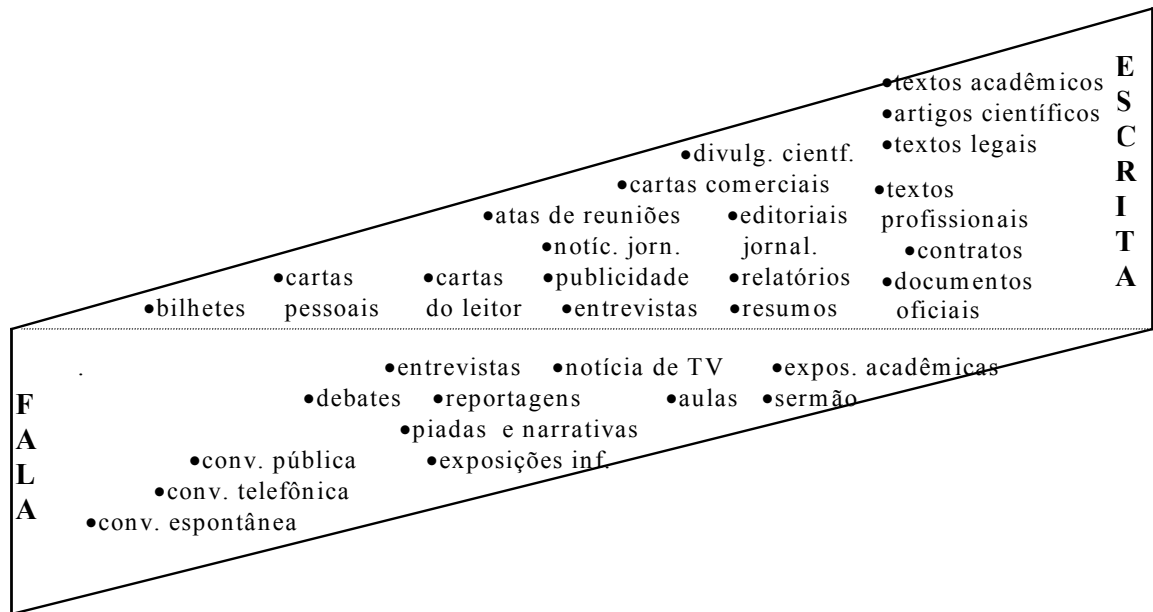
Do mesmo modo, Bazerman (1997) refere que não é possível estabelecer taxonomias e classificações duradouras para os gêneros, a não ser que se entregue ao formalismo reducionista, uma vez que os gêneros são o que as pessoas reconhecem como gênero a cada momento do tempo, seja pela dominação, institucionalização ou regularização. Portanto, os gêneros são rotinas sociais de nosso dia-a-dia.

Bakhtin (1997) define gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, definição na qual se apóiam os estudos mais recentes sobre gêneros

textuais. Os diversos gêneros constituídos na sociedade são, apesar da sua relativa estabilidade, estruturados em torno de três aspectos caracterizadores dos gêneros, os quais em geral são: a seleção de temas (conteúdo); a escolha dos recursos lingüísticos (estilo) e as formas de organização textual (construção composicional). Igualmente, admite-se que há gêneros mais “padronizados e estereotipados” e gêneros “mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos”.

Para Marcuschi (2002), isso significa que há gêneros produzidos em situações muito formais e que seguem convenções mais rigorosas de produção (como os da área jurídica), e outros mais informais, que possibilitam a criatividade (como os literários, publicitários e os utilizados no cotidiano espontâneo da linguagem - bilhete, piada, relato de um fato qualquer). Em seus estudos, este autor parte do princípio básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, de tal modo que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Por conseguinte, considera os gêneros textuais como sendo fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Ao mesmo tempo, adverte que os gêneros surgem, proliferam-se e modificam-se para atender às necessidades socioculturais e às inovações tecnológicas, tanto que a quantidade de gêneros hoje em dia é muito maior do que nas sociedades que nos antecederam e nas que são anteriores à escrita.

No gráfico a seguir é possível observar a distribuição dos gêneros de uso falados e escritos no contínuo tipológico. Sua organização e correlação são indicadas de forma aproximada e não se pode assegurar que esta distribuição espacial seja válida para todos os tipos de traços ou parâmetros estudados.



FONTE: MARCUSCHI, 2001c.

Fazendo referência a esta característica dos gêneros, pesquisadores da linha socioconstrutivista, como Bronckart (1999), defendem que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (p. 103), o que quer dizer que os gêneros são instrumentos de que a sociedade dispõe para atuar nos diferentes domínios da atividade humana e para legitimar a sua prática discursiva.

Segundo Marcuschi (2002), alguns gêneros da escrita do dia-a-dia circulam nas comunidades de baixo grau de letramento, como: listas de compras, listas de materiais, listas de dívidas a pagar, relações de compras do mês, endereços, cartas pessoais, avisos, cartazes, calendários, contas de água, luz e telefone, receitas culinárias, escrituras, orações, etc. Estes gêneros são chamados de gêneros minimalistas, uma vez que se caracterizam por serem breves, ritualizados, rígidos, pouco criativos e repetitivos em seus formatos. Desta forma, o sujeito, mesmo quando não letrado em alto nível, serve-se dos gêneros, porém, em sua maioria são bastante regulados e padronizados.

Os gêneros ligados à esfera privada são de maior estabilidade formal e os gêneros ligados à esfera da vida pública são mais estáveis e, em certos casos, até rígidos, no entanto, o dinamismo de formas e funções dos gêneros está ligado à maneira como circulam os artefatos culturais e, em particular, os textos. Assim, ter conhecimento da teoria dos gêneros serve para a percepção de como o funcionamento da língua é dinâmico e, embora sempre manifesto em textos, nunca deixa de se renovar nesse processo (MARCUSCHI, 2006).

Por conseguinte, os gêneros caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas particularidades lingüísticas e estruturais. Estes são de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas (MARCUSCHI, 2002).

Ao abordar o tema gêneros textuais, é importante enfatizar a circulação desses gêneros nos mais diversos contextos. Assim, o uso de gêneros vai refletir-se nas condições de alfabetização e letramento, temas abordados adiante.

2.2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Como destacado anteriormente, para Marcuschi (2005), a fala e a escrita correspondem às modalidades lingüísticas e atividades de formulação textual. Já a oralidade e o letramento aludem às práticas sociais ou práticas discursivas das duas modalidades. Desta forma, a língua, como prática social, se manifesta e funciona de dois modos principais: atividade oral (atividades de oralidade no dia-a-dia) e atividade escrita (atividades de letramento).

Este autor faz menção ainda, ao fato que, antigamente, não havia interesse sobre o uso social da língua, daí a preocupação com o funcionamento e a utilização da língua ser considerado um fato recente. Do mesmo modo, os termos oralidade e letramento são usados ultimamente para abordar a prática social da língua. Ainda, com relação a este ponto, Stubbs (1986) defende que o termo oralidade é empregado para se referir às habilidades na língua falada, compreendendo tanto a produção quanto a compreensão da fala, ou seja, as atividades orais diárias desenvolvidas naturalmente em contextos informais.

Durante séculos, a escrita foi privilégio de poucos, e o processo de alfabetização era restrito a grupos eclesiais e a nobres. Este fato pode ser justificado, uma vez que o surgimento da escrita deu-se num ambiente de violenta discriminação, fazendo com que ela se tornasse privilégio de determinada casta, na qual somente a alguns era permitido o seu acesso e exercício. Conseqüentemente, os poucos que a dominavam controlavam os muitos que a ignoravam. Esta foi apenas uma das inúmeras dificuldades que foram enfrentadas pelo homem na luta pela popularização da escrita (SOUZA, 2001).

A entrada do sujeito no mundo da escrita proporcionou o aparecimento de várias denominações ligadas a este processo, dentre elas a alfabetização e o letramento, as quais se referem aos diferentes acessos de abordagem desse processo, tanto no aspecto teórico quanto prático (ROJO, 1998). Assim, é importante saber que existem vários processos que ocorrem no interior da aprendizagem da escrita, e para compreender a relação desses processos e o tema deste trabalho é importante frisar três desses processos, que são: alfabetização, escolarização e letramento, uma vez que estes estão interligados e interferem entre si.

Para Marcuschi (2001a), letramento:

é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, 'letramentos' [...] Distribui-se em graus de domínios que vão de um patamar mínimo a um máximo (p. 21).

Quanto à escolarização, define-a como:

uma prática formal e institucional de ensino que visa a uma formação integral do indivíduo, sendo que a alfabetização é apenas uma das atribuições/atividades da escola. A escola tem projetos educacionais amplos, ao passo que a alfabetização é uma habilidade restrita (p. 22).

Conforme já referido, uma das atividades da escolarização é a alfabetização, e essa atividade precisa ocorrer como um processo global, abordando a formação do sujeito como um todo, e não se restringir apenas à atividade de escrita (MARCUSCHI, 2005).

Para tanto, é interessante saber um pouco sobre o processo de alfabetização, visto que a história da alfabetização é “uma história de contradições” (GRAFF, 1995).

A alfabetização, na visão de Tfouni (2004), também pode se apresentar no interior de uma polêmica vista por alguns como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita e, para outros, como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes (2004, p. 14). Segundo a autora, o que define a alfabetização como processo é a incompletude e a continuação, desmistificando a crença de que este processo atinge um fim, uma vez que esta crença talvez tenha surgido a partir de uma demanda da escolarização. Em decorrência de vários questionamentos a respeito da alfabetização, hoje em dia, predomina a concepção de que somos seres oralistas, e que a escola necessita buscar uma maior valorização da oralidade no ensino formal e não se afixar apenas ao ensino da escrita.

Essa concepção foi se proliferando a partir dos vários estudos sobre a história da escrita, em conjunto com os estudos da sociolingüística. Dentre outros, foram fornecidos argumentos para a crítica da visão limitada que se tinha do processo de alfabetização, pois no início das discussões sobre o processo de letramento, junto ao de alfabetização e escolarização, a alfabetização era adotada em seu sentido mais limitado. Assim, foi possível apontar a origem do provável fracasso de sujeitos de classes populares que estavam à margem da cultura da escrita, em todos os aspectos (sociais, históricos, lingüísticos e discursivos). Consequentemente, ofereceram outro ponto de vista de alfabetização, que colocava o principiante em contato com os aspectos microdimensionais e macrodimensionais da escrita (ROCHA, 2006).

Ainda segundo esta autora, nesta mesma época, as discussões relacionadas à linguagem encontravam-se no domínio das ciências da linguagem, sociolingüística e até da antropologia, e era vista, diferentemente do contexto escolar, como um processo amplo e informal, o qual levava em consideração as práticas e eventos que poderiam ocorrer antes, durante e após o processo de escolarização (se ocorrer) sobre a linguagem escrita. Consequentemente, este processo foi denominado de letramento. Esse fato é valorizado por Ginsburg (1987 *apud* MARCUSCHI, 2005), o qual refere à existência de dois tipos de cultura, as que são fruto das camadas populares, e que possuem suas limitações, mas em contrapartida, são extremamente ricas, e as que são impostas, as quais são produzidas por um saber escrito, mas, apresentam características pobres.

O termo letramento, passou a fazer parte da língua portuguesa, e vem sendo discutido no Brasil, desde o início da década de 80. Este termo, que se originou da palavra inglesa *literacy*, referindo-se às práticas discursivas que fazem uso da

escrita vem circulando, atualmente, pelo cotidiano das pessoas de forma corriqueira (MARCUSCHI, 2005). Como efeito dessa discussão, restrições vêm sendo apontadas ao termo alfabetização, uma vez que, este processo, mesmo ocorrendo fora da escola, é resultado do ensino sistemático, o qual se concentra na capacidade individual de ler e escrever, fruto da escolarização. Em oposição a este processo, encontra-se o letramento, o qual se preocupa com o impacto da escrita sobre um grupo social, ou seja, com os reflexos sentidos na sociedade (SANTOS, 2005). Este termo é um conceito recente, inserido no discurso de educadores e lingüistas e está compreendido sob distintos pontos de vistas. Ainda que, ocorra dissensão conceitual, é de senso comum o letramento a partir das situações do dia-a-dia que envolve leitura, escrita e oralidade (DI NUCCI, 2003).

Segundo Soares (2001), o letramento equivale à categoria dos grupos sociais e sociedades que utilizam, de fato, a escrita. Esta condição é diacrônica, já que em cada período da vida do indivíduo ou grupo social ocorre sua atualização (SOARES, 2004). De tal modo, o letramento pode ser entendido como um conjunto de práticas sociais, em contextos específicos para atingir objetivos específicos, que utilizam a escrita enquanto sistema simbólico e como tecnologia (KLEIMAN, 1995). O letramento é caracterizado, segundo Marcuschi (2005), pelo aprendizado informal ou formal da leitura e da escrita, sem aprendizado institucional, variando do nível mínimo até o máximo.

Para Tfouni (2001) existe um *continuum* entre um ponto muito rudimentar de letramento, de um lado, e um ponto bem desenvolvido, do outro. Portanto, esse termo é mais propício para designar os aspectos sócio-históricos da aquisição e domínio da escrita em relação à sua situação etnográfica no grupo em que a escrita ocorre ou pretende ser introduzida. Destaca Tfouni (1988) que a escrita favorece o

conhecimento, mas, por ser mal distribuída na sociedade, propicia o aproveitamento das camadas dominantes, que tornam as demais alienadas e discriminadas. Conseqüentemente, a utilização da escrita, freqüentemente, é valorizada com alusão ao *status* social. Neste sentido, acrescenta que a prática formal de ensino (alfabetização) pode propiciar uma dominação cultural.

Nas escolas, o ensino da Língua Portuguesa está voltado designadamente para a escrita. Neste contexto, ocorre mais interesse com relação à aparência da escrita do que com o que ela faz e representa. Desta forma, é importante apontar que a língua escrita é mais uma modalidade da língua a ser estudada (CAGLIARI, 1992). Em decorrência, é interessante frisar que não se pode desprestigiar e desconsiderar as modalidades orais, em todos os seus níveis em uso nos diversos segmentos da sociedade. É aí que entra o termo adequação, o qual deve ser considerado levando-se em conta cada situação específica em que se está envolvido (SOUZA, 2001).

O processo de alfabetização apresenta algumas peculiaridades, uma vez que ninguém escreve ou lê sem motivação. Igualmente, é diferente alfabetizar grupos sociais que encaram a escrita como garantia de sobrevivência daqueles que consideram a escrita, além de necessária, uma forma de expressão individual de arte, de cultura e de passatempo. É exatamente por isso que, em determinadas culturas, a escrita é vista como algo secundário e dispensável, já em outras, é algo absolutamente imprescindível (CAGLIARI, 1992).

Nessa perspectiva, não é possível considerar apenas os sujeitos alfabetizados, com maior ou menor grau de escolarização, mas todos aqueles afetados direta ou indiretamente pela utilização que faz da escrita em seu meio sociocultural, inclusive os analfabetos. Assim, nas sociedades modernas, não há

indivíduos com grau zero de letramento, fato este explicável, já que um sujeito que convive numa sociedade letrada, mesmo não sendo efetivamente alfabetizado, de alguma forma faz uso da contribuição, positiva ou negativa, que a escrita impõe em seu meio social (GNERRE, 1998). Infere-se, então, que, em uma comunidade que se constitui essencialmente através de práticas escritas, não existem sujeitos iletrados, mas com diferentes graus de letramento (CHODREN, 2001). Em relação a este aspecto, Marcuschi (2005) acrescenta que a escrita representa, equivocadamente, o raciocínio lógico e abstrato, cabendo, dessa forma, à oralidade o saber prático. Fato este, é inconciliável com a nossa história, já que existem níveis de desenvolvimento e saberes variados em culturas que não possuem a escrita.

Dessa maneira, expõe-se a relação do *continuum* nas práticas sociais e nas atividades comunicativas entre letramento e oralidade que exclui a autonomia e a supremacia da escrita frente à oralidade. Este aspecto envolve, parcialmente, um modelo ideológico, no qual Street (1993), inclui, neste tipo de modelo, as práticas de letramento (modelos construídos para os usos culturais em que se produzem significados na base da leitura e da escrita), os eventos de letramento (atos comunicativos mediados por textos escritos), as práticas comunicativas (relacionam-se com a competência comunicativa) e a observação da organização das formas lingüísticas dos gêneros textuais (refere-se àqueles gêneros que apresentam formas de padronização e são adaptáveis ao uso comunicativo, ou seja, as relações múltiplas).

Em decorrência, é possível entender que os valores gerados pela escrita e pelas práticas de letramento em uma comunidade urbana são profundamente autoritários. Este aspecto é decorrente do fato da escrita ainda ser vista por alguns como sendo uma verdade absoluta, o que torna a prática de letramento opressiva,

mas essencial para os dias de hoje na sociedade. No entanto, é imprescindível ressaltar que o processo discriminatório ainda pode ocorrer na prática da oralidade quando é exigido, em contextos particulares, um nível complexo de habilidade de fala.

Soares (1998) garante que, nas sociedades que possuem a escrita, letrado e iletrado não constituem pólos dicotômicos e sim extremos de um *continuum*. Considera a oralidade uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais (do mais informal até o formal) e que se encontra presente nos mais variados contextos de uso. E, as atividades de letramento correspondem aos mais variados usos da escrita, inclusive por parte de quem é analfabeto.

Nos dias de hoje, o letramento apresenta inúmeras definições e formas. Como exemplo é possível citar os letramentos digitais, culturais, dentre outros. Levando em consideração esta concepção, um sujeito pode ser considerado analfabeto e letrado, uma vez que pode possuir o domínio em um determinado aspecto que um sujeito alfabetizado pode não possuir (COSTANZO, 1994, apud MARCUSCHI, 2005). Assim, a utilização do termo letramento vem se particularizando para compreender não só os domínios da escrita, no aspecto gráfico da língua, como também, os diversos níveis do *continuum* como prática social, partindo do analfabeto ao intelectual, e envolvendo todas as formas visuais e pictográficas (MARCUSCHI, 2005).

Diante do exposto até o momento, fica nítido que o processo de alfabetização não pode ser associado ao desenvolvimento e que o analfabetismo não é sinônimo de atraso, visto que a alfabetização encontra-se acoplada à valorização da escrita e das práticas de letramento de uma sociedade. Uma vez que as práticas de letramento são modelos construídos para os usos culturais em que se produzem

significados na base da leitura e da escrita, a finalidade do presente estudo, remonta à observação da escrita do afásico através da produção de diferentes gêneros textuais como uma possibilidade de uso da língua. A seguir serão tecidas algumas considerações teóricas a respeito desta patologia e sua repercussão na linguagem do afásico.

2.3. AFASIA

As afasias são causadas por danos cerebrais e/ou acidentes encefálicos (derrames), chamados cientificamente de AVC (acidente vascular cerebral) e/ou AVE (acidente vascular encefálico). Dentre eles, estão as embolias, infartes, aneurismas, trombozes, ferimentos por quedas ou armas de fogo quando atingem a massa encefálica, e algumas vezes, tumores cerebrais (JAKUBOVICZ; MEINBERG, 1992). Em seus estudos sobre a afasia, Jakubovicz e Meinberg apontam a inteligência e o pensamento como sendo processos mais lentos em alguns sujeitos afásicos, embora não se encontram ausentes, uma vez que durante o processo de reabilitação ocorrem melhoras, e o afásico reaprende a partir de uma capacidade que já possuía. Contudo, é importante ressaltar que, em alguns casos, a afasia pode ocorrer associada à apraxia, agnosia, hemiplegia, entre outras (MORATO, 2002).

Para caracterizar a afasia, pode-se levar em consideração a definição de Coudry (2001, p. 5):

A afasia se caracteriza por alterações de processos lingüísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos.

Dentro do campo biomédico, essas alterações são caracterizadas por redução e disfunção, que se manifestam no aspecto expressivo e receptivo da linguagem oral e escrita, embora em diferentes graus em cada modalidade (CHAPEY, 1996). Assim, em decorrência da afasia, ocorre uma perturbação da linguagem em que há alterações dos mecanismos em todos os níveis, tanto no aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), sendo causada por lesões estruturais no sistema nervoso central (SNC) (COUDRY, 1988).

Em relação à classificação das afasias, existem algumas perspectivas. Para Jakubovicz e Cupello (1981), a afasia é classificada de acordo com a área cerebral afetada, denominando-as de afasia de Broca (lesão na terceira circunvolução frontal esquerda, conhecida como área de Broca) e afasia de Wernicke (decorrente de uma lesão na primeira circunvolução temporal esquerda, denominada de área de Wernicke), referentes ao francês Paul Broca (1865) e ao alemão Carl Wernicke (1874), que colocaram seu nome para formas clínicas particulares desta patologia (PONZIO, LAFOND, DEGIOVANI *et al.*, 1995).

Boone e Plante (1994) baseados em Goodglass e Kaplan (1984) categorizaram a afasia de acordo com fluência ou não fluência. Os tipos são: afasia não-fluente (afasia de Broca ou motora e afasia transcortical motora); afasia fluente (afasia anômica, afasia condutiva, afasia de Wernicke e afasia transcortical sensorial) e afasia global.

Outro tipo de classificação seria a demonstrada por Jakobson (2000), que tem como critério de classificação a unidade lingüística que se apresenta mais afetada (seleção ou combinação), abordando, especificamente, a questão do funcionamento da linguagem, sendo eles:

1- **combinação e contexto** - a hierarquia das unidades lingüísticas encontra-se alteradas, denominada de distúrbio da contigüidade.

2- **seleção e substituição** - operações metalingüísticas é que se encontram alteradas, denominada de distúrbio da similaridade.

Em relação às áreas acometidas, Lúria (1981) menciona que várias áreas distintas do cérebro cooperam para formar os sistemas funcionais da linguagem receptiva e expressiva, e qualquer dano a uma dessas áreas afeta o sistema funcional. Deste modo, a lesão terá ligação mais forte com determinada função, mas não deixa de ter relação com outras.

Já no aspecto referente à linguagem, as alterações podem ser classificadas levando-se em consideração a fluência, a compreensão e a emissão, pois a afasia admite vários níveis de desorganização da linguagem: fonológico, lexical, morfossintático e discursivo, nas diferentes modalidades de entrada: visual, auditiva, de expressão oral e gráfica (MANSUR; SENHA, 1996). E como bem mencionou Morato (2002) a linguagem constitui a identidade do ser humano, e com a afasia ocorre à desabilidade em utilizá-la adequadamente, promovendo o surgimento de um estigma, no qual o sujeito afásico é visto como um ser incapaz de se comunicar.

Conseqüentemente, muitas vezes, a perda da comunicação pela linguagem faz com que suscite no afásico sentimentos de isolamento, solidão, tristeza, culpa, vergonha, frustração, desespero, angústia, ansiedade, depressão, entre outros (LÉTORNEAU, 1995; MORATO, 2002), visto que, como aponta Morato (2000, p. 50), “o afásico vê desaparecer boa parte daquilo que lhe dá importância (...) e, com freqüência, fica impossibilitado de exercer, como fazia anteriormente, seus papéis familiares e sociais”.

As reações ou manifestações citadas podem ocorrer em maior ou menor grau, e dependerá da gravidade e duração das seqüelas, da reação do meio e da rapidez e qualidade que receberá da equipe de reabilitação. Assim, é extremamente importante que a família do afásico esteja bem orientada, para poder entender e compreender de forma mais adequada este sujeito, uma vez que a perda ou dificuldade de comunicação acarreta no isolamento social, pois os pensamentos deste indivíduo tornam-se acessíveis apenas a si mesmo (BONINI, 1998). Assim, é interessante pensar sobre o conflito que a afasia traz consigo no tocante às relações comunicativas de um modo geral, uma vez que estas permitem o reconhecimento da identificação do sujeito em si mesmo e na sociedade (MORATO, 2002).

2.3.1. A AFASIA E SUAS REPERCUSSÕES NA LINGUAGEM

Como visto na explanação acima, a afasia é uma patologia que acarreta em inúmeras alterações no processo de comunicação, justamente, por ser definida como uma patologia da linguagem, a qual promove uma perturbação na linguagem oral e/ou na linguagem escrita (TUBERO, 1996). E este aspecto, muitas vezes não é compreendido pelo sujeito acometido, e muito menos pelas pessoas do seu convívio, em especial, a família. Todavia, com o passar do tempo, a doença assume um papel de destaque modificando a rotina familiar, a autoconfiança e auto-estima do afásico.

Após a lesão neurológica, a qualidade de vida do afásico vai ser proporcional à força do impacto da afasia sobre o mesmo. E como bem menciona Morato (2002), a plasticidade cerebral é altamente dependente das necessidades e ações do

organismo como um todo, ou seja, a melhora funcional do cérebro depende não só dos fatores biológicos, mas neurofuncionais.

Dessa forma, é interessante saber quais as particularidades encontradas em cada tipo de afasia. Foram mencionadas as características da afasia de Broca ou Distúrbio da contigüidade e da afasia de Wernicke ou Distúrbio da similaridade, uma vez que estes tipos de afasias são os encontrados com maior freqüência na clínica fonoaudiológica.

2.3.1.1. AFASIA DE BROCA OU DISTÚRBIO DA CONTIGÜIDADE

O primeiro sintoma da afasia de Broca é uma supressão total da fala, mutismo raramente irreversível, e um comportamento lingüístico muito freqüente é a esterotipia. Nesse tipo de afasia, a recuperação do vocabulário será lenta e raramente é completa. A compreensão pode estar com um déficit moderado, mas também pode estar completamente preservada. O sujeito falará pouco e sua elocução será lenta, laboriosa e silabada. Já sobre a sintomatologia, o sujeito vai apresentar uma fala telegráfica e robotizada, apresentando, o agramatismo, que apresenta um caráter fixo, regular e permanente, é considerado como uma desorganização da linguagem. Porém, a definição propriamente dita desse sintoma só será permitida mediante a enumeração das dificuldades apresentadas pelo sujeito (JAKUBOVICZ; CUPELLO, 1981).

Além das características citadas, a anomia (inabilidade para nomear objetos mostrados), também vai estar presente, podendo estar num grau mais moderado ou mais severo. Tipicamente, esse sintoma é menos evidente nas provas de denominação do que na conversação e narrações. Ainda como sintoma, pode ser

encontrado as parafasias fonéticas, que ocorrem quando há problemas em iniciar o fonema e executá-lo. Isso pode acontecer pelo fato do sujeito escolher mal o gesto articulatório. Entretanto, em final de evolução, e quando os problemas articulatórios se atenuam, surgem as parafasias semânticas, que ocorrem quando o sujeito emprega um nome no lugar do outro. Vale ressaltar que são vários os modos de “trocar” e isso deverá ser avaliado de acordo com cada caso (JACUBOVICZ; CUPELLO, 1996).

Ainda em relação às observações referidas pelas autoras, podem-se encontrar problemas articulatórios, que se traduzem por uma desordem na força, no tônus e na coordenação do jogo de músculos do aparelho fonoarticulatório. Além do fato que, geralmente, a escrita é difícil de ser observada, pois, na maioria dos casos, ocorre hemiplegia direita associada e, por isso, devem escrever com a mão esquerda. Todavia, quando observada, pode-se dizer que a linguagem escrita vai ser semelhante à linguagem oral, podendo apresentar trocas e/ou omissões, letras mal formadas, grandes e desorganizadas. Quanto à leitura, é feita de modo silencioso e encontra-se preservada, visto que a compreensão está mantida. Contudo, quando a leitura é realizada em voz alta é deficiente, havendo muito esforço na produção oral, erros e omissões de elementos do texto.

Se vista através do funcionamento da linguagem, será possível perceber que esse tipo de afasia é considerado um distúrbio de contigüidade (dificuldade em combinar), diminuindo a extensão e a variedade das frases, ficando preso no eixo metafórico da linguagem, apresentando um discurso fechado. Neste tipo de distúrbio, o sujeito apresentará uma deterioração na capacidade de construir proposições, apresentando dificuldades em combinar as entidades lingüísticas mais simples em unidades mais complexas. Ocorre, assim, um déficit quanto ao contexto,

estando diminuída a extensão e a variedade das frases. Dessa forma, quanto menos uma palavra depender gramaticalmente do contexto, mais presente ela se fará no discurso do sujeito (JAKOBSON, 2000).

Outra característica, mencionada por este autor, é o agramatismo, que faz com que as frases tornem-se “um monte de palavras”, nas quais estas, as palavras, estarão organizadas de forma caótica. As conjunções, pronomes, preposições e demais palavras com função gramatical, desaparecem caracterizando a fala telegráfica. E, devido ao fato do contexto estar afetado neste tipo de afasia, o discurso tenderá a ser reduzido a frases e, até mesmo, a apenas uma palavra. É relevante, ressaltar que apenas as frases mais longas, porém estereotipadas, é que se mantêm presentes no discurso. Ainda com relação ao discurso, o autor menciona duas características do discurso, apresentadas pelo sujeito acometido pelo distúrbio de contigüidade: o empobrecimento fonológico e o léxico. O primeiro pode ser explanado da seguinte forma, o sujeito torna-se incapaz de decompor a palavra em seus elementos fonológicos, prejudicando o seu domínio sobre a construção da palavra, favorecendo o aparecimento de desordens nos fonemas e em suas combinações. Este fato pode caracterizar uma regressão a aquisição fonológica de uma criança, o que pode conduzir a um exagero no uso de homônimos e em um empobrecimento no vocabulário. Em decorrência, nestes casos, a intervenção fonoaudiológica, deve atuar de forma a abrir o discurso do sujeito, com a finalidade de favorecer a sua linguagem.

2.3.1.2. AFASIA DE WERNICKE OU DISTÚRBO DA SIMILARIDADE

O discurso do sujeito acometido pela afasia de Wernicke, vai encontrar-se fluente, porém, irá conter numerosas parafasias (substituição de uma palavra por outra), neologismos e jargões, seria um discurso sem mensagem, sem significado. A repetição de artigos e preposições, assim como inúmeras frases inacabadas, típicas de anomia estará sempre presente. No início da doença apresenta um comportamento geral de excitação, com uma fluência verbal copiosa, ritmo de fala maior do que o normal (logorréia), entonação variada. Podendo-se dizer que o sujeito fala muito, mas sem significado algum. No tocante a escrita, as letras encontram-se, na maioria dos casos, bem organizadas e legíveis, porém o seu conteúdo não tem significado. Há a presença de jargonografia (escrita repleta de neologismos), paragrafias semânticas (troca, na escrita, de um termo por outro dentro da mesma categoria semântica) e fonêmicas (troca, na escrita, de um fonema por outro). A atividade de ditado é realizada com muita dificuldade. Já a leitura estará comprometida porque o paciente apresenta um déficit na compreensão (JACUBOVICZ; CUPELLO, 1996).

Sobre o funcionamento da linguagem, quando a capacidade de seleção encontra-se bastante prejudicada, e a de combinação está parcialmente preservada, a contigüidade vai determinar o comportamento verbal do afásico e esse tipo de afasia será designado como distúrbio da similaridade. Neste tipo de distúrbio, o contexto constitui um fator essencial, pois quanto mais um enunciado depender do contexto, melhor será a tarefa verbal desempenhada pelo sujeito. Desse modo, a linguagem, neste tipo de distúrbio, é meramente reativa, tendo facilidade em

completar fragmentos de palavras ou frases que lhe forem apresentados (JAKOBSON, 2000).

Ainda levando em consideração os pressupostos desse autor, quanto mais uma palavra depende de outras dentro da mesma frase e quanto mais se relacionam com o contexto sintático, menos afetada estará a fala desse paciente. É por isto que as palavras que possuem uma referência com o contexto (como os pronomes e advérbios) e as que servem para construir o contexto (como os conectivos e auxiliares) encontram-se mais preservadas. Conseqüentemente, o sujeito conseguirá continuar um diálogo, porém terá dificuldade em iniciar uma conversa. Outra característica também encontrada no discurso do sujeito que apresenta um distúrbio da similaridade é a dificuldade na nomeação, sendo comum uma descrição acerca do uso do objeto, na qual o eixo metafórico fica fora desse princípio e o paciente vai estar preso no eixo metonímico. Ao contrário do que acontece na afasia de Broca, a intervenção fonoaudiológica neste caso, deve ocorrer com o intuito de fechar o discurso desse sujeito, na tentativa de lhe atribuir um sentido.

2.4. AFASIOLOGIA E ESCRITA

Nos últimos anos, diversos estudos que vêm sendo desenvolvidos, na área de Neurolingüística, preocupam-se em observar a linguagem dos afásicos, e, em especial, interessam-se pelo que há de residual, íntegro, alternativo ou compensatório na linguagem destes sujeitos (REISDORFER, 2006).

Grande parte desses estudos vêm adotando uma perspectiva enunciativa da metalinguagem (MORATO, 2001b; 2002) e chegam a colocar em discussão a definição de afasia, em sentido restrito, enquanto perda metalingüística. Como

conseqüência, vários trabalhos (DONZELI, 1998; BUSATO, 2001; TUBERO, 2002; CAZELATO, 2003; BOLDRINI, 2004) discutem a interpretação pragmático-discursiva dos processos meta-lingüístico, meta-enunciativo e meta-discursivo, adotados no funcionamento da linguagem (MORATO, 1995). Este fato passou a ser considerado a partir de críticas a procedimentos avaliativos fechados e descritivistas, fundamentados em determinados testes metalingüísticos, provocando a revisão de alguns princípios teóricos da Afasiologia tradicional, assinalando a importância de estudos discursivos e de uma metodologia não restrita a procedimentos quantitativos (COUDRY, 1988).

É possível notar, durante o percurso histórico da afasia, que a linguagem oral foi aceita como centro das atenções e a escrita foi remetida a segundo plano, passando a ser observada apenas como simulacro da fala culta, já que, desde o início dos estudos afasiológicos, a oralidade apresentava uma supremacia sobre a escrita, devido à noção de representação da fala, estigmatizada na escrita (SANTANA, 1999; 2002a).

Nas afasias, acontecem alterações tanto na linguagem oral quanto na escrita, exatamente por estas modalidades relacionarem-se entre si (SANTANA, 1999). Como exemplos de alterações, podem-se mencionar as parafasias, que acontecem ao mesmo tempo em que as anomias, não havendo problemas em concebê-las como sintomas de síndromes jargonafásicas ou fonêmicas. Porém, o fato de que a anomia e parafasias fonêmicas e semânticas possam co-ocorrer em uma mesma síndrome é considerado um ponto intrigante (BROWN, 1981). A expressão escrita é menos sentida do que a oral, porém, em geral, o desempenho em relação à capacidade que o sujeito possuía antes do acometimento da patologia é pior. Em

determinados casos, a dificuldade de expressão e/ou de compreensão escrita pode apresentar-se de maneira isolada (PRESTES, 1998).

Sobre este aspecto, Jakobson (1966) ressalta a discrepância que existe em relação à escrita nos trabalhos afasiológicos:

ainda que contemos com trabalhos significativos sobre alexia e agrafia, os estudos sobre a afasia mostram um certo descuido acerca das questões relativas à relação e à diferença entre fala e escrita. Quando, por exemplo, se examina a afasia única e basicamente a partir das reações orais do paciente a palavras escritas, não se levam em conta diferenças significativas entre palavras escritas e faladas (JAKOBSON, 1966, citado por SANTANA, 1999, p.20).

Nos estudos em que a afasia está relacionada à escrita, existem duas linhas de pensamento teórico: na primeira, acredita-se que tanto a leitura quanto a escrita estão dissociadas da oralidade, o que poderia ser explicado em casos de seqüelas puras de alexia e agrafia; na segunda, considera-se a existência de uma correlação entre a oralidade e a escrita, o que leva a questionamentos a respeito dos diagnósticos de alterações puras (SANTANA, 1999).

Em relação às avaliações tradicionais realizadas nos casos de afasias, Coudry (1988) chama a atenção para o fato de que:

os testes têm um conteúdo capaz de estimular atividades metalingüísticas específicas e estas atividades podem ser tomadas como déficit, pois exigem que o sujeito opere sobre a linguagem abstraindo seu uso efetivo e negligenciando os aspectos convencionais e interacionais (COUDRY, 1988, p.11).

Ainda hoje, em alguns casos, a visão da escrita na afasiologia é estritamente clássica, de maneira que concebe a linguagem como sendo um código, isto é, uma estrutura ou sistema de regras pré-estabelecidas, eliminando a subjetividade, na perspectiva da gramática estruturalista. Por outro lado, é possível observar estudos recentes que esboçam avaliações e intervenções na afasia, considerando a necessidade da inclusão de aspectos lingüísticos para a reconstrução da linguagem do sujeito acometido pela doença (ANTÔNIO, 2004).

Como pode ser observado, as avaliações afasiológicas fundamentadas em uma visão modularista de linguagem vêm sendo criticadas freqüentemente por apresentarem como finalidade classificar, estereotipar, medir e diagnosticar o problema de leitura e escrita, desconsiderando o sujeito e sua história. De acordo com Santana (2001a, 2001b, e 2002b) profissionais que trabalham com a afasia, em especial os fonoaudiólogos, precisam entender as condições de subjetividades acionadas pelo sujeito afásico, uma vez que, no trabalho com a afasia, o fonoaudiólogo apresenta um papel de co-autor dos textos, sejam eles escritos e/ou falados. Essa postura, que permite o sujeito portador de afasia experimentar circunstâncias significativas de escrita que com o passar do tempo, possibilita ao afásico adquirir outra vez a linguagem (SANTANA; MACEDO, 2004).

Deste modo, para um trabalho mais abrangente, na prática da produção de textos, é necessário ter a concepção de que a linguagem é um processo de interação, e, neste processo, estão envolvidos os interlocutores, os quais utilizam a linguagem para influenciar o outro e ser por ele influenciado, em uma construção conjunta de sentido (SMOLKA, 1993; GÓES, 1993; GERALDI, 1999; FIAD, 1997; ABAURRE, 1997).

Para melhor compreender por que o afásico, na maioria das vezes, faz uso da fala para organizar a escrita e, em outras situações, recorre ao processo inverso, é necessário levar em consideração que fala e escrita estão num *continuum* estabelecido dialogicamente nas atividades humanas (MACEDO, 2005a). Afinal, como afirma Marcuschi (2001b), a oralidade e a escrita são duas formas de ler e de perceber o mundo.

Enfim, a afasia é uma questão basicamente discursiva, e não pode ser reduzida, de forma isolada, aos recursos da língua, ou seja, à língua (MACEDO,

2005b). Como esta patologia “envolve o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos de alguma maneira a ela associados, envolve, dessa maneira, as práticas lingüísticas e discursivas que caracterizam as rotinas significativas humanas” (MORATO, 2001a, p. 154/155).

No próximo capítulo serão descritos os critérios utilizados no processo metodológico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado no Centro de Convivência de Portadores de Afasia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em uma Oficina de Escrita.

A população do estudo foi constituída por 04 indivíduos afásicos que fizeram parte da Oficina de Escrita durante o ano de 2007. É importante ressaltar que, durante o período de coleta, houve o ingresso de novos sujeitos portadores de afasia no grupo, bem como a desistência de outros, fato este que influenciou na definição da quantidade dos sujeitos pesquisados. Em alguns casos, os sujeitos que se ausentaram do grupo faziam uso da escrita, em outros, os sujeitos que ingressaram no grupo não conseguiam utilizar a escrita como recurso para a comunicação. Este fato foi bastante relevante para o trabalho, visto que os sujeitos a serem estudados precisariam escrever para poder integrar a amostra pesquisada.

Deste modo, este estudo foi descritivo e qualitativo. Este tipo de pesquisa foi utilizado para melhor descrever as características de determinados eventos, fornecendo subsídios para formulação de hipóteses a respeito de seus determinantes.

Inicialmente, foram coletados dados secundários das fichas individuais de cada sujeito, atendidos na Clínica-escola de Fonoaudiologia da UNICAP, onde está localizado o Centro de Convivência. Com o acesso às fichas, foi possível coletar dados referentes à anamnese, juntamente com os da avaliação fonoaudiológica, para a caracterização dos sujeitos, a qual será retomada de forma mais detalhada posteriormente.

Em seguida, foram realizadas as atividades de produção textual na modalidade escrita propostas pela Oficina, a partir do contato com diferentes

gêneros textuais. As produções escritas foram realizadas de duas formas: produção espontânea e produção induzida. A coleta dos dados ocorreu no período de maio a outubro de 2007.

No tocante aos procedimentos utilizados, antes de descrevê-los é importante referir que a pesquisadora responsável manteve contato direto com os sujeitos durante o período da coleta dos dados, bem como em momentos anteriores e posteriores a este, uma vez que a mesma é membro integrante do grupo responsável pela Oficina de Escrita.

No primeiro semestre de 2007, os encontros eram realizados às sextas-feiras, à tarde, no horário de 13h30min às 15h30min. No entanto, após o período de recesso, ocorrido entre os dias 15 de junho e 03 de agosto do mesmo ano, os encontros passaram a ser realizados às quintas-feiras, pela manhã, no horário de 08h30min às 10h30min. Infelizmente, este horário ficou um pouco inconveniente para alguns integrantes do grupo, sendo, posteriormente, definido o horário das 09h00min às 11h00min, o qual permaneceu até o final da coleta dos dados e do ano.

Os encontros dividiam-se em três momentos: primeiro, conversas espontâneas e dirigidas, seguidas de atividades escritas, utilizando como recurso os diversos gêneros textuais; e, por fim, atividades livres, as quais exploravam aspectos de criatividade, espontaneidade e recursos de comunicação, que não necessariamente a fala e a escrita, mas também gestos e desenhos, além de atividades que exploravam a questão motora e os órgãos sensitivos.

No decorrer da coleta dos dados, várias atividades foram propostas e concretizadas. Dentre elas, uma especialmente merece destaque, utilizada logo no início dos encontros: as discussões do livro “Sobre as afasias e os afásicos”,

produzido pelos pesquisadores e afásicos que fazem parte do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Unicamp. O livro, que aborda aspectos gerais sobre a afasia, questões relativas aos direitos das pessoas afásicas, orientações básicas aos familiares e amigos, e, um breve histórico do CCA, foi disponibilizado para cada integrante do grupo, e tomado como base para as atividades ali desenvolvidas. Foi possível constatar, nessa atividade, grande interesse do grupo, devido à identificação com os relatos, no livro, de sujeitos afásicos, provavelmente de angústias e dificuldades.

As atividades dos encontros eram sempre iniciadas com conversas espontâneas e dirigidas, os assuntos foram sempre variados, os quais giravam em torno de notícias e fatos da semana no Brasil e no mundo, como forma de incentivar a informação. Além das notícias, foram abordados temas ligados ao próprio afásico, relacionados aos acontecimentos de sua vida durante a semana, fato que visou à interação entre os membros do grupo.

Em relação às atividades ligadas à escrita, foco deste estudo, ao longo do período de coleta foi possível trabalhar alguns gêneros textuais. No entanto, um ponto que merece destaque e precisa ser referido antes da descrição das atividades, é o fato de que, durante a coleta, alguns sujeitos tiveram que ser excluídos porque faltaram devido a problemas pessoais. Além disso, sempre que o emocional de alguns integrantes encontrava-se alterado, o que repercutia de forma direta na sua produção escrita, visto que gerava bastante desatenção. Nestes casos, era possível observar, claramente, o aspecto emocional interferindo diretamente no trabalho da Oficina, visto que a desatenção não estava sendo ocasionada apenas pela afasia. Percebeu-se, como consequência, a importância de manter um trabalho em conjunto com a família, tendo sido necessário um encontro mensal com os familiares e

responsáveis, para que houvesse uma troca de informações e orientações, imprescindíveis e fundamentais para o processo terapêutico do sujeito afásico e do grupo em questão.

As atividades ao longo desse período de coleta ocorreram conforme a descrição a seguir:

1. Descrição de características pessoais: consistiu no sorteio dos nomes dos participantes do grupo, tanto os afásicos como os não-afásicos. Nesta prática, cada sujeito retirava um papel que continha o nome de uma pessoa que estava presente no grupo. Em seguida, deveria ser escrito em um papel características da pessoa sorteada. Após esse momento, cada sujeito apresentaria ao grupo o seu papel, e o restante das pessoas deveria adivinhar a quem se referia aquela descrição.

2. Anúncio de classificados: os sujeitos afásicos participantes do grupo teriam que descrever a utilidade, características e o preço de um determinado objeto. Em seguida, fazer uma apresentação oral com o objeto, tendo como finalidade vender o mesmo de forma fictícia, para os outros membros do grupo.

3. Convite de festa junina: inicialmente, cada afásico confeccionou individualmente um tipo de convite em que eram colocados itens que eles achavam que devia constar nesse gênero textual, tais como: data, hora, local e outras informações e ilustrações que eles achassem interessantes. Após essa produção individual, uma das pesquisadoras iria ao quadro branco e eles deveriam dar sugestões para que fosse feito um convite único para todo o grupo, para que, em um outro momento, fosse entregue aos familiares e amigos. Posteriormente, cada afásico escreveria em seu convite o seu nome e o nome das pessoas que ele quisesse convidar para a festa.

4. **Descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação:** era solicitado que cada afásico escrevesse sua opinião sobre o que estavam achando da oficina, sugestões e uma auto-avaliação.

5. **História em quadrinhos:** foi fornecida aos integrantes do grupo uma seqüência de história em quadrinhos em que o texto foi suprimido. Assim, a proposta da atividade era que os afásicos elaborassem os diálogos do texto baseados na expressão facial dos personagens e no contexto situacional.

6. **Bula de remédio:** no primeiro momento, houve uma explicação prévia, na qual foi entregue um modelo de bula de remédio para cada sujeito e, posteriormente, foram escritos no quadro branco os pontos que deveriam constar na versão produzida por eles, como: nome, substância, modo de usar, indicação e contra-indicação.

7. **Narrativa pessoal:** inicialmente, foram apresentadas músicas do conhecimento dos participantes. Em um determinado momento, a música era interrompida e o integrante que soubesse, deveria continuar a música e dizer o nome da mesma. Em um segundo momento, foi perguntado ao grupo uma música que lembrasse um momento marcante de suas vidas, e, em seguida, eles deveriam escrever a história desse momento.

8. **Cartão de aniversário:** foram oferecidos aos participantes cartões de aniversário para que eles pudessem escrever e, assim, presentear os aniversariantes.

9. **Descrição de opinião sobre a festa de aniversário:** cada sujeito tinha que escrever o que achou da festa de aniversário realizado na semana anterior, como se estivessem fazendo uma narração (contando uma história), ou, pelo menos, contar como foi à festa.

Uma das atividades propostas, que não foi referida, foi o caderno de “férias”, que tinha a finalidade de manter a integração e o vínculo durante o período de

recesso. As atividades dessa tarefa estavam voltadas para a produção de alguns gêneros textuais, com a possibilidade de produzir outras formas, tais como: desenhos, colagens, pinturas, dentre outras, uma vez que o objetivo maior desta atividade era incentivar a produção e comunicação através da linguagem escrita. No entanto, esta proposta não obteve um resultado positivo, pois quase nenhum afásico utilizou-o durante o recesso, e os sujeitos que o utilizaram, fizeram as atividades após o recesso, devido à cobrança das pesquisadoras. Assim, foi sugerida outra finalidade para o caderno, agora utilizado como agenda, para que os afásicos registrassem fatos e momentos interessantes da sua semana. Contudo, mais uma vez esta proposta não obteve o resultado esperado, pois nenhum integrante do grupo fez uso do mesmo para esta finalidade.

Em relação à descrição dos sujeitos participantes da pesquisa, foram identificados os seguintes perfis:

Sujeito 01 (S01): Costumava beber todos os dias e, em fevereiro de 2006, foi acometido pelo Acidente Vascular Cerebral (AVC), a partir do qual ficou com o lado direito do corpo sem movimento, embora consiga, atualmente, se movimentar normalmente. Devido ao AVC, passou 17 dias internado no Hospital da Restauração (HR). O AVC hemorrágico teve início em Dezembro de 2005, quando passou a colocar sangue pelo nariz com conseqüente aumento da sua pressão arterial. Atualmente, utiliza medicação (Captopril) para regular a pressão arterial.

É uma pessoa muito ativa e bastante comunicativa, sempre trabalhou e gosta do que faz. Fazia uso da leitura e da escrita, sem dificuldade, mas, devido ao AVC, apresenta dificuldade para se comunicar, tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Além disso, segundo sua esposa, apresenta dificuldade com relação à

“memória”. Procurou atendimento fonoaudiológico em junho de 2006, e realiza fisioterapia.

Segundo dados da avaliação, no tocante à fala, apresenta anomia e quanto à escrita, tem dificuldade em programá-la.

Sujeito 02 (S02): Sofreu um AVC isquêmico esquerdo no dia 16 de novembro de 2001 e ficou dois meses hospitalizado. A provável causa foi estresse, álcool e fumo em excesso, associado a um quadro de hipertensão. Sofreu duas convulsões após o AVC, passando a ter dificuldade com relação à linguagem oral e escrita, além de hemiplegia direita. Na linguagem oral, apresenta fala telegráfica, parafasias e anomias, além de um discurso fechado, sem iniciativa discursiva, ou seja, não conseguiu deslizar no eixo metonímico. Já no tocante à leitura e escrita, sua dificuldade se assemelha à da fala, ou seja, consegue compreender, mas não consegue expressar.

Faz uso dos seguintes medicamentos: Renitel 10 mg (12/12h); Cloridrato de Ticlopidina (1 vez ao dia – manhã); Sinvalip (Sinvastatina) – 1 comprimido ao dia – noite; Hidrantal 100 mg (12/12h).

Sujeito 03 (S03): Sofreu um AVC em julho de 2005 e, de imediato, foi socorrido após sofrer uma forte dor no peito. Fazia uso de cigarro e bebida alcoólica e antes do ocorrido trabalhava como frentista em um Posto de Gasolina. Tem o hábito de ler jornal, ouvir música e utiliza o computador para se comunicar.

Em relação à linguagem oral, apresenta dificuldades para a produção dos movimentos articulatorios (apraxia da fala), omissões, substituições de fonemas e insegurança quanto à postura dos órgãos fonoarticulatorios (OFAS), fazendo esforço para realizar os movimentos articulatorios. No tocante à compreensão, apresenta

bom desempenho em algumas situações, embora em outras tivesse dificuldade. Na escrita, apresenta trocas. Com relação à memória, tem bom desempenho.

Faz uso de medicação, embora não esteja relacionada no relatório.

Sujeito 04 (S04): Há 10 anos, teve um AVC, logo depois de uma discussão no trabalho, mas não há menção da data. Trabalhou como secretária durante 10 anos. Foi encaminhada pelo fisioterapeuta devido a sua fala ininteligível; faz acupuntura no CITE, há dois anos.

Muitas vezes, apresenta fala ininteligível, embora, durante a leitura de alguns textos, tenha conseguido ler de forma compreensível, apresentando dificuldades apenas em algumas palavras. No que se refere à medicação, não há menção no relatório.

Quadro 1 – Descrição dos Sujeitos

Características Relevantes	Sujeitos participantes da pesquisa			
	Sujeito 01	Sujeito 02	Sujeito 03	Sujeito 04
Nome	J. L. da S.	R. B. de A.	M. A. de A.	M. M. L.
Idade	50 anos	58 anos	44 anos	61 anos
Sexo	M	M	M	F
Estado civil	Casado	Casado	Solteiro	Divorciada
Quantidade de filhos	-----	3	1	3
Grau de Escolaridade	3º grau incompleto	3º grau completo	3º grau incompleto	3º grau incompleto
Profissão Exercida	Vigilante	Professor de Química	Frentista	Secretária
Acometimento do Acidente Vascular Cerebral (AVC)	Fevereiro/2006	Novembro/2001	Julho/2005	+/- 10 anos
Início do Atendimento Fonoaudiológico na clínica-escola da UNICAP	Junho/2006	Maió/2007	Agosto/2006	Setembro/2006

Os dados foram analisados levando em consideração os pressupostos teóricos de Marcuschi, onde a relação entre fala e escrita é vista dentro de um *continuum*, possibilitando a observação da linguagem em funcionamento nas afasias.

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP para análise e foi aprovado sob o número de CAAE-0039.0.096.000-07 (CEP-055/2007) (ANEXO I). A coleta dos dados só teve início após a aprovação do referido Comitê de Ética e mediante consentimento prévio dos participantes da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE I). Para preservar a identidade dos sujeitos do estudo, no capítulo seguinte, todos os nomes próprios referidos nas produções escritas foram suprimidos, mantendo-se apenas as iniciais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo destina-se à descrição e discussão dos resultados. Inicialmente, na tabela 1, é possível observar os gêneros textuais produzidos por cada sujeito da pesquisa, e posteriormente, a abordagem discursiva de cada um dos textos trabalhados.

Os dados descritos na tabela mostram que as produções escritas do sujeito 03 correspondem a 100% de participação nas atividades propostas. As produções dos sujeitos 01, 02 e 04 atingiram o mesmo valor percentual (77,7%), porém, é importante ressaltar que houve variação quanto ao gênero textual produzido por cada sujeito, uma vez que os participantes da pesquisa faltaram aos encontros do grupo em dias diferentes.

Tabela 1 – Distribuição da produção textual por sujeito

SUJEITOS DA PESQUISA	GÊNEROS TEXTUAIS								
	Descrição de características pessoais	Anúncio de classificados	Convite de festa junina	Descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação	História em quadrinhos	Bula de remédio	Narrativa pessoal	Cartão de aniversário	Descrição de opinião sobre a festa de aniversário
S01	X	X	X	X	X		X	X	
S02	X	X	X		X	X		X	X
S03	X	X	X	X	X	X	X	X	X
S04	X	X	X	X	X		X	X	

4.1. Análise da produção de cada Gênero Textual

A seguir, os gêneros textuais utilizados nesta pesquisa foram analisados e descritos individualmente, com a finalidade de observar o desempenho dos sujeitos da pesquisa em cada gênero textual.

4.1.1. Descrição de características pessoais

Como afirmado anteriormente, esta atividade consistiu no sorteio dos nomes dos participantes do Grupo de Convivência, incluindo os sujeitos afásicos participantes da pesquisa e os sujeitos não acometidos pela afasia. Após o sorteio, cada sujeito escreveu as características da pessoa sorteada, apresentadas ao grupo por escrito, e os demais participantes adivinhavam a quem se referia aquela descrição.

Através desta atividade foi possível observar não apenas a produção escrita dos sujeitos afásicos (objetivo da pesquisa), como também, pelo fato deles terem que adivinhar a quem pertenciam às características descritas, permitindo observar e trabalhar aspectos relacionados à atenção e compreensão dos afásicos de forma lúdica e interativa.

Neste gênero textual, o trabalho foi realizado com mais facilidade por uns, e com alguma dificuldade por outros. S02 apresentou bastante dificuldade, sendo necessário a ajuda da pesquisadora. Com relação a S01, S03 e S04, a intervenção da pesquisadora não ocorreu de forma tão direta quanto com o S02. Observando as figuras 01, 02, 03 e 04, é possível perceber que todos os sujeitos conseguiram realizar a proposta, já que transmitiram a mensagem e estabeleceram a comunicação entre os participantes da atividade, eliciando características que estavam dentro do contexto.

S01 foi o único que referiu características da personalidade e não aspectos físicos, pois quando escreveu: “R. Peguei o nome de R. Ele não gosta de falar muito e muito lego” (Figura 01). O sujeito pesquisado fez menção a uma característica da personalidade da pessoa a ser descrita até o momento, uma vez que aquela pessoa mostrava-se bastante calada até o dia desta atividade, já que havia sido integrado ao grupo há pouco, e ainda encontrava-se em processo de adaptação.

Quanto à produção deste gênero, S01 saiu-se muito bem, apresentando uma escrita ampla e direcionada para a atividade. O que ocorre também durante sua fala, uma vez que o mesmo apresenta pouca dificuldade no tocante à oralidade.

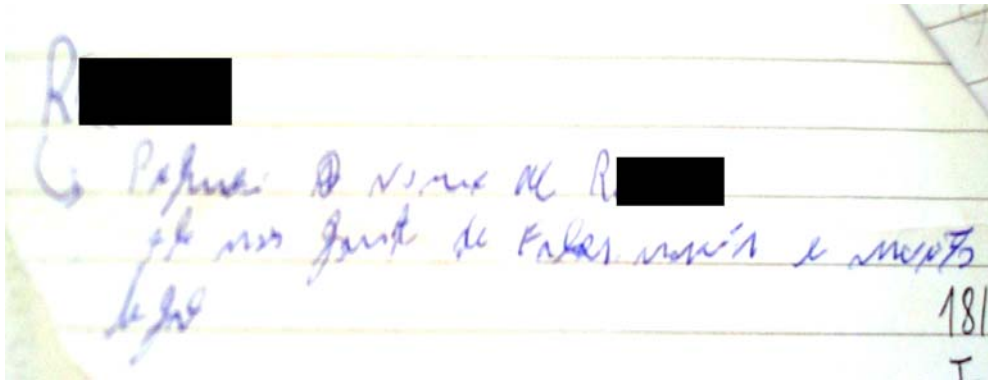


Figura 01 – Produção escrita do sujeito 01 (S01) na descrição de características pessoais

S02 relacionou características de uma visitante do grupo, já que nas atividades propostas todos os sujeitos presentes no encontro participam da atividade, sejam eles portadores de afasia ou não, uma vez que a proposta é trabalhar em conjunto com todos os sujeitos na pesquisa. Inicialmente, S02 apresentou dificuldade para identificar de quem se tratava o nome no papel, tendo havido a intervenção da pesquisadora. Este fato também aconteceu no momento da escrita, uma vez que a mesma ocorreu através da cópia. No entanto, o próprio sujeito referiu oralmente o que desejava escrever e a pesquisadora apenas representou de forma escrita sua fala. Visto que, S02 apresenta restrição apenas

quanto a evocação dos sinais gráficos da escrita, posto que durante a atividade conseguiu formular oralmente as palavras a serem utilizadas na atividade.

Assim, quando S02 escreveu “AZUL NETA” (Figura 02), atingiu o objetivo da atividade, pois a pessoa descrita encontrava-se vestida com uma blusa azul e estava acompanhada por sua neta. Deste modo, mesmo utilizando palavras soltas, o sujeito conseguiu caracterizar a pessoa por ele sorteada. O fato de S02 utilizar palavras soltas pode ser explicado pelo fato de sua fala, em alguns momentos, ser telegráfica. E, como este gênero textual aproxima-se mais da oralidade que da escrita, como é possível observar nos estudos de Marcuschi (1998), assim podemos supor que esta particularidade, talvez, seja justificável pelo fato da escrita estar ocorrendo como reflexo da fala do sujeito.

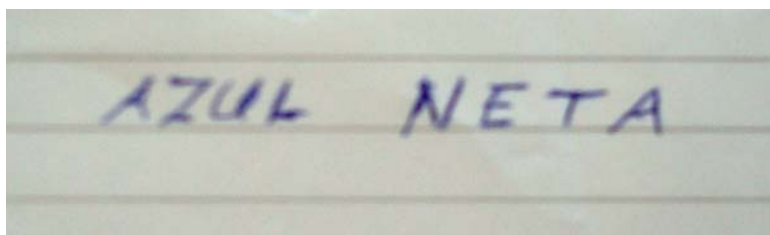


Figura 02 – Produção escrita do sujeito 02 (S02) na descrição de características pessoais

S03 também relacionou características através de palavras soltas, como no caso anterior, mas também dentro do contexto, pois quando escreveu “M. – 1,50 m, mulher, QUE SÃO M., HOMEM” (Figura 03), a pessoa a ser caracterizada era uma mulher de estatura baixa, descrita por 1,50m, e quando ele escreveu a palavra homem quis mostrar a questão da oposição. Este fato comprova a boa compreensão para a atividade proposta.

No caso de S03, não é possível estabelecer uma comparação entre a produção oral e escrita, pois este sujeito não apresenta oralidade, faz uso apenas da escrita. Contudo, talvez esta característica tenha ocorrido pelo fato dele encontrar-se

em processo de (re) aquisição da fala, através de terapia fonoaudiológica, e este processo estava acontecendo a partir de palavras isoladas, com a junção de sílabas até chegar à palavra.

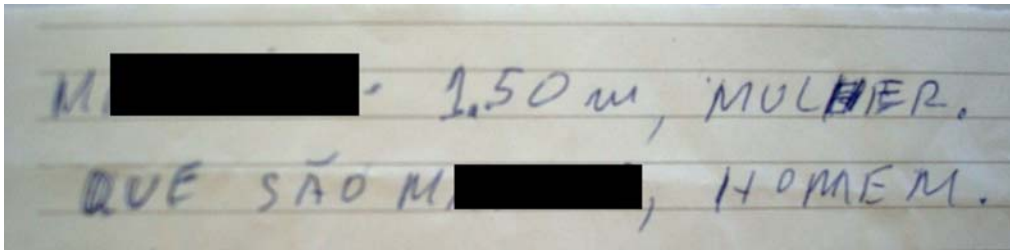


Figura 03 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de características pessoais

S04, bem como S01, formulou uma frase para descrever a pessoa sorteada, e quando escreveu: “M., teve o amarelo e sapatos tem amarras” (Figura 04), ela provou que compreendeu a atividade e não fugiu do contexto, pois a pessoa a ser caracterizada estava vestida com uma blusa amarela e seus sapatos possuíam amarras.

Neste caso, é nítida a dificuldade desta participante com a produção escrita de algumas palavras, no entanto este fato também foi percebido em sua fala. E, como este gênero textual possui características da oralidade, como já referido anteriormente, é compreensível e até justificável que este fato tenha ocorrido. Assim, questiona-se: até que ponto é interessante trabalhar com protocolos pré-moldados e com atividades que visam evidenciar as dificuldades do sujeito acometido pela afasia?

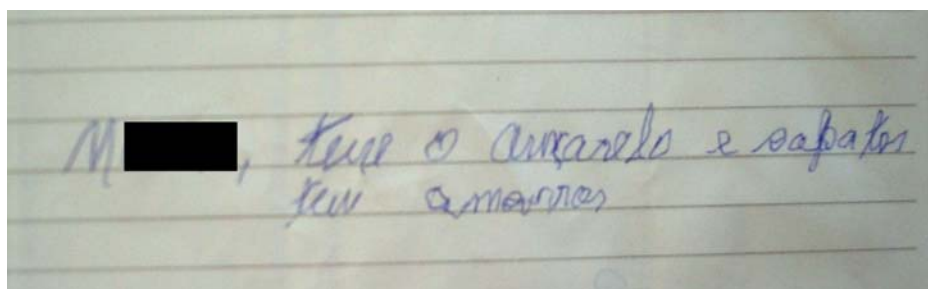


Figura 04 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na descrição de características pessoais

A produção escrita dos sujeitos para este gênero textual, de um modo geral, apresenta características próximas a da oralidade, sem indícios formais, estando mais próxima de um diálogo face-a-face. Esta característica é muito marcante neste tipo de produção textual, considerando a distribuição dos textos de uso falados e escritos no contínuo tipológico (MARCUSCHI, 2001c), mais próxima das produções da fala que da escrita.

Nos textos analisados, a escrita está fragmentada, apresentando palavras e/ou frases soltas, aspectos observados também na fala, muitas vezes, telegráfica, destes sujeitos. Isso corrobora o fato destas características estarem presentes também na escrita. Se o gênero textual, na modalidade escrita, aproxima-se da modalidade oral, nada mais natural que encontrar essas mesmas características como reflexo da fala. Daí a importância de se trabalhar a escrita, levando em consideração a relação fala-escrita dentro de um *continuum*.

A ausência de conectivos, nestes textos, não é fator determinante para a compreensão do conteúdo, uma vez que, mesmo fragmentados realizam-se como texto visto que conseguem transmitir a mensagem, dado que a coesão pode se dar também com base em aspectos cognitivos e/ou pragmáticos, conforme proposto por Costa Val (2000) e Antunes (2005). Esta posição é corroborada por Marcuschi (1983), quando refere que a coesão não é uma condição necessária e nem suficiente para a criação do texto, pois existem textos destituídos de recursos coesivos, mas que a continuação ocorre no nível do sentido e não das relações entre os constituintes lingüísticos.

Por isso, a questão da escrita, particularmente no afásico, precisa ser observada diante de uma abordagem mais abrangente que leve em consideração a escrita contextualizada, como nesta pesquisa. Considerar a produção escrita do

afásico a partir da observação e análise da questão contextual e não apenas lingüística, permite uma postura mais próxima da realidade deste sujeito, possibilitando a escrita com significado.

Quando a prática escrita é realizada de forma agradável e contextualizada promove um sentimento de satisfação e descontração que gera no sujeito motivação para realização desta prática, como no caso dos participantes desta pesquisa, os quais, no início, apresentaram “certo” receio para realização da atividade proposta, possivelmente, devido ao distanciamento da escrita após o episódio que os tornou afásicos. Assim, atividades contextualizadas gerariam uma maior confiança no que se refere à produção escrita.

Ainda nos dias de hoje, existe um enorme contra-senso entre os discursos que enfatizam a necessidade de abordagens que consideram a língua em relação à exterioridade, em contraposição àquelas que continuam a descrever e analisar apenas o sistema lingüístico, predominantemente unidades como palavras e orações (REISDORFER, 2006). Contudo, com a utilização deste gênero textual, foi possível observar que as produções escritas dos portadores de afasia vão muito além do sistema lingüístico, e que esta visão é muito restrita para ser adotada por profissionais que trabalham com afasia.

4.1.2. Anúncio de classificados

Nesta atividade, os sujeitos participantes do Grupo de Convivência escolhiam um objeto e o descreviam, em relação a sua utilidade, atribuindo-lhe, posteriormente, um valor financeiro (preço) fictício. Em seguida, realizaram uma apresentação oral com o objeto selecionado, com a finalidade de vender o produto para os outros integrantes. Alguns objetos foram trazidos pelos afásicos e outros pela pesquisadora.

Os produtos escolhidos foram: um jogo de dominó (S02), um jogo de xadrez e um de dama (S03), um filme em DVD (S01) e uma sombrinha (S04). De posse de seus respectivos objetos, foi iniciada a dinâmica, primeiro com a atividade escrita, foco deste estudo. Os afásicos escreveram, em um papel, o “preço” sugerido por eles e as características dos objetos, como observado nas figuras 05, 06, 07 e 08.

Vale ressaltar que todos os participantes do Grupo de Convivência realizaram a atividade sugerida, em conjunto com os sujeitos pesquisados. Para uma maior aproximação da realidade, foi inserida a utilização de notas de dinheiro (sem valor comercial) com a finalidade de trabalhar aspectos relacionados ao manejo com dinheiro, onde foi possível observar que todos os afásicos possuem boa noção no que se refere à questão financeira. Esta atividade foi bem recebida pelos afásicos, já que o trabalho foi realizado de forma espontânea e interativa.

Nessa produção textual, S01 atingiu o objetivo da atividade ao descrever o objeto selecionado e o seu valor (Figura 05). Sua escrita foi realizada em forma de tópicos, possivelmente, pelo fato deste gênero poder ocorrer tanto em forma de texto discursivo como em tópicos, uma vez que as características deste gênero textual são frases curtas e objetivas, juntamente com a menção do valor financeiro do produto. E, S01 recorreu de forma prática à questão dos tópicos, permitindo uma visão mais direta do seu produto, chamando atenção justamente para as características que mereceriam destaque, como se pode observar na figura a seguir.

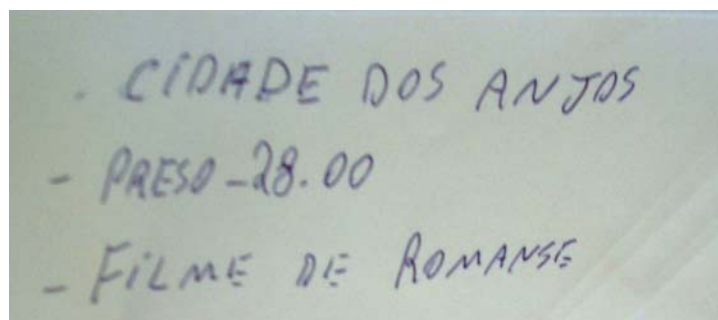


Figura 05 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no anúncio de classificados

Já S02 apresentou dificuldade para a produção escrita espontânea, aspecto observado na frase “Serve para jogar”, escrita pela pesquisadora, mas referida oralmente por S02. Outro ponto que ratifica esta afirmação é a frase: “Magnetic Game” (Figura 06), copiada por S02 da caixa do produto. Contrapondo-se à dificuldade de escrita, ou seja, de grafar, S02 apresentou boa compreensão para a proposta, uma vez que referia oralmente o que deveria ser grafado. Desta forma, menciona justamente as características solicitadas: o que é, valor e para que serve o objeto escolhido. Sendo assim, sua dificuldade ficou restrita à transposição da linguagem oral para a escrita. Outro aspecto que merece destaque foi o valor do produto (R\$ 1.000 reais) sugerido por S02, que, ao justificar o preço solicitado para o objeto comprova sua boa compreensão. Assim como o sujeito anterior, S02 utilizou o recurso de tópicos para realizar a atividade, o que sugere a questão: será que o recurso de topicalização foi utilizado para uma melhor visibilidade e destaque do que deveria constar no texto? Por qual motivo estes sujeitos recorreram a este formato de produção escrita? Talvez este recurso tenha sido utilizado, por ser mais fácil para o afásico resgatar palavras soltas do que frases completas, o que provavelmente resultou em um texto em formato de tópicos. No entanto, esta questão pode ser levantada de maneira mais aprofundada em estudos posteriores.

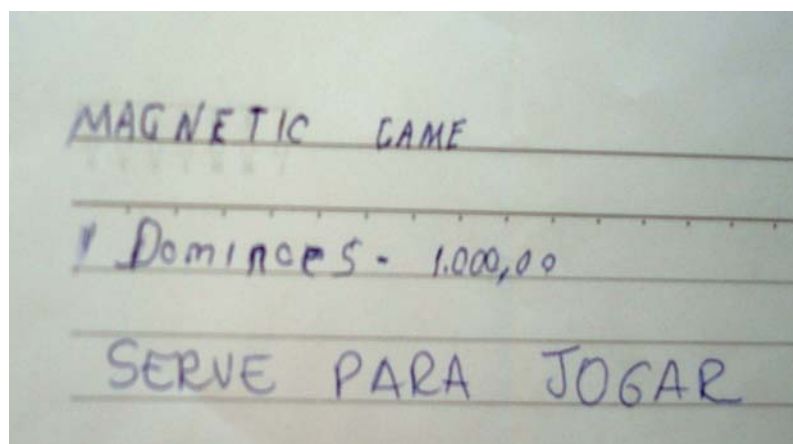


Figura 06 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no anúncio de classificados

S03 foi o participante que mais apresentou dificuldade para compreender a atividade, fato este perceptível ao observar sua produção escrita (Figura 07). A produção escrita apresentou-se a partir de palavras soltas e algumas fora do contexto sugerido. Porém, mesmo com dificuldade, S03 realizou a atividade, conseguindo transmitir a mensagem solicitada, ao referir (xandes) para o jogo de xadrez, e estabelecer valores (3,40 e 15,00) para os produtos escolhidos por ele.

Cabe aqui refletir um pouco sobre a importância de propor e utilizar atividades com algum propósito e dentro de um tema, posto que, se existe grande dificuldade em compreender uma atividade dentro de um contexto, podemos supor como deve ser difícil para um sujeito acometido por uma patologia, em especial o afásico, compreender e realizar uma atividade sem propósito e totalmente descontextualizada, como é o caso de ditado e/ou cópia.

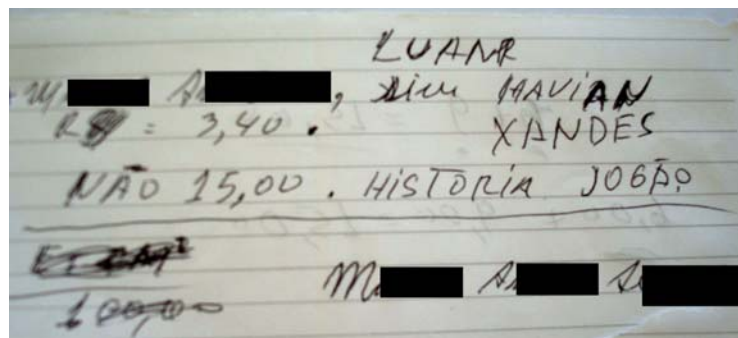


Figura 07 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no anúncio de classificados

S04 formulou uma frase aparentemente sem sentido, ao escrever “Sombrinha, que estava tinha vinha tem chuva” (Figura 08). Acredita-se que S04 quis referir que a sombrinha era utilizada quando tinha chuva, fato este compreensível, ao explicar oralmente para o grupo do que se tratava seu objeto. Merece destaque nesta produção a palavra sombrinha, a qual foi escrita pela pesquisadora, já que S04 solicitou que a mesma escrevesse para ela a palavra.

Outro fato observado nesta produção foi que S04 não recorreu aos tópicos para realizar sua escrita, diferentemente dos demais participantes. Assim, cada sujeito recorre a meios e recursos variados para facilitar e viabilizar sua produção escrita.

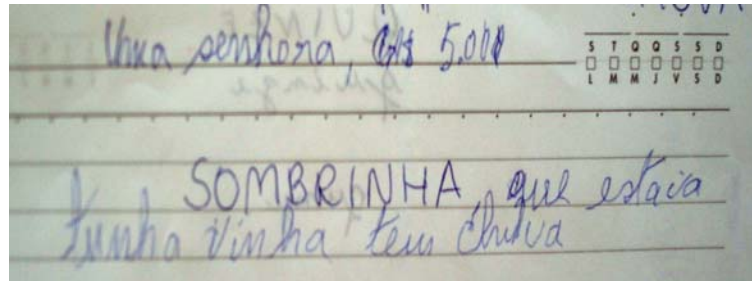


Figura 08 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) nos anúncios classificados

Esta atividade textual permitiu que não só o aspecto da escrita fosse trabalhado, mas também a oralidade, favorecendo uma melhor compreensão de algumas produções, como no caso de S04. Com esta atividade, foi possível comprovar o quanto, em alguns momentos, trabalhar produções escritas concomitantemente com produções orais enriquece o trabalho com o afásico, visto que, muitas vezes, a fala se apóia na escrita e vice-versa. Este recurso poderia ser muito bem-vindo na prática fonoaudiológica, que, muitas vezes, direciona-se apenas para a linguagem oral deixando de lado a escrita, como fazem aqueles que seguem a linha organicista, que observa apenas a patologia, sem levar em conta o sujeito da linguagem. Como refere Macedo (2005a), é primordial para a análise das condições de linguagem de um portador de afasia, considerar o acontecimento da fala e da escrita dentro de um *continuum*.

Portanto, é importante que se desenvolvam mais estudos voltados para a linha enunciativo-discursiva para o melhor entendimento da afasia, como o realizado por Ishara (2005), que reafirmou a importância de estudos nesta linha, para o entendimento da afasia, posto que em seu trabalho houve a tentativa de mostrar que os critérios que têm sido usados para classificar as produções dos sujeitos afásicos

encobrem características do funcionamento da linguagem, corroborando com os achados deste estudo.

4.1.3. Convite de festa junina

A atividade proposta, como já referida em outro momento, consistiu na confecção do convite da festa junina do Grupo de Convivência, a qual foi realizada no período junino no último dia de encontro, antes do período de recesso.

No primeiro momento, ocorreu a produção livre, na qual cada integrante compôs individualmente, um modelo de convite com itens previstos para este gênero textual, tais como: data, hora, local e outras informações e ilustrações que formam e caracterizam este tipo de produção textual. Em um segundo momento, a pesquisadora foi ao quadro branco e os participantes do grupo mencionaram suas sugestões para a confecção de um modelo único de convite, o qual foi entregue aos familiares e amigos convidados para a festa. Com esta proposta, cada afásico pôde expor suas idéias, e, posteriormente, o modelo sugerido pelo grupo foi entregue para que cada integrante escrevesse seu convite.

Ao observar as figuras 09, 10, 11 e 12, as quais representam o momento de produção livre, é possível perceber que todos os afásicos da pesquisa realizaram de forma positiva a produção escrita deste gênero textual.

S01 recorreu ao formato de lista para formular seu convite, observado a partir do recurso de enumeração utilizado por ele (Figura 09). Também é perceptível a boa compreensão em relação à atividade, pelas características que formam e identificam o gênero convite, como: dia, hora, local, temática do evento, entre outras. Contudo, é interessante refletir sobre esta produção escrita no que se refere a sua forma, posto que, provavelmente, S01 enumerou as atividades a partir do que, em sua

visão, considera prioridade. Este formato é uma das possibilidades para realizar uma lista. Assim, faz-se necessário questionar: será que se este sujeito, ao ser solicitado a produzir o gênero textual lista, utilizaria o mesmo recurso? Ou teria dificuldade em realizar aquele gênero textual? Este é um aspecto que pode ser investigado em outro estudo. Posto que, durante o período de coleta dos dados não ocorreu o trabalho com o gênero textual lista para que fosse realizada a comparação entre as produções escritas.

Quanto à facilidade apresentada por S01 em produzir este gênero, talvez esta possa ser explicada pelo fato deste sujeito apresentar um conhecimento prévio, devido ao contato freqüente com este tipo de gênero em suas relações sociais, tanto antes quanto após o episódio de afasia, neste caso, levando em consideração o aspecto do letramento.

Mais uma vez, destaca-se o fato da relevância de trabalhar gêneros textuais que fazem parte do dia-a-dia dos sujeitos afásicos no processo de (re)habilitação da linguagem, como no caso desta pesquisa, já que este gênero foi utilizado no período junino.

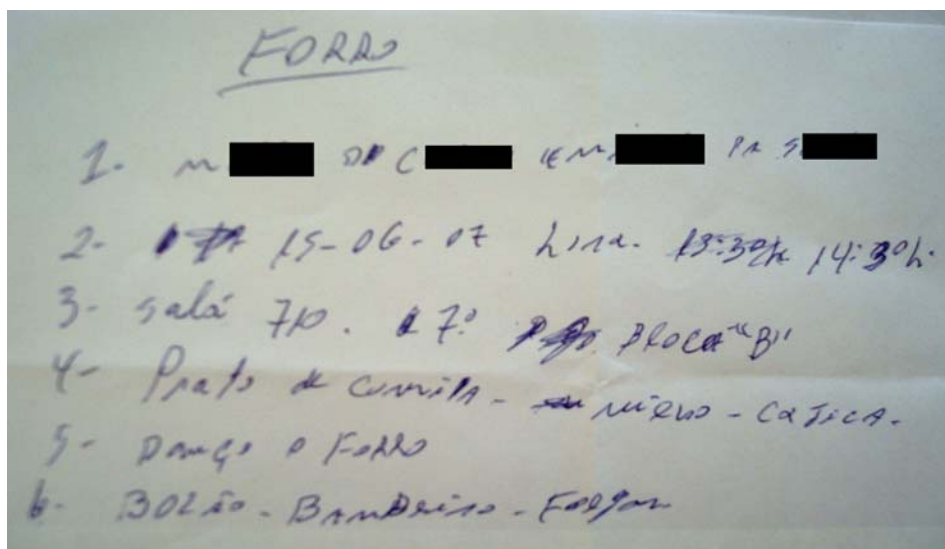


Figura 09 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no convite de festa junina

S02 apresentou dificuldade em formular sozinho este gênero textual. E, mais uma vez, sua produção escrita (Figura 10) ocorreu da mesma forma que as já mencionadas anteriormente. No entanto, a partir do convívio com S02 foi visível que sua maior dificuldade é formular o texto escrito, ou seja, é passar sua linguagem oral para a modalidade escrita, uma vez que consegue formular frases oralmente, ficando sua limitação restrita ao aspecto gráfico das palavras. Este fato foi observado em vários momentos, expressando oralmente o que queria escrever, mas, na hora de passar para o papel, apoiava-se na grafia do outro. Este episódio talvez esteja acontecendo devido ao afastamento da linguagem escrita, uma vez que, na maioria dos casos, o sujeito acometido pela afasia, se foca no restabelecimento da linguagem oral e deixa de lado a escrita.

Mesmo assim, pode-se perceber que S02 descreveu as características básicas para identificação e formulação deste gênero, como: dia, hora e tema da festa.

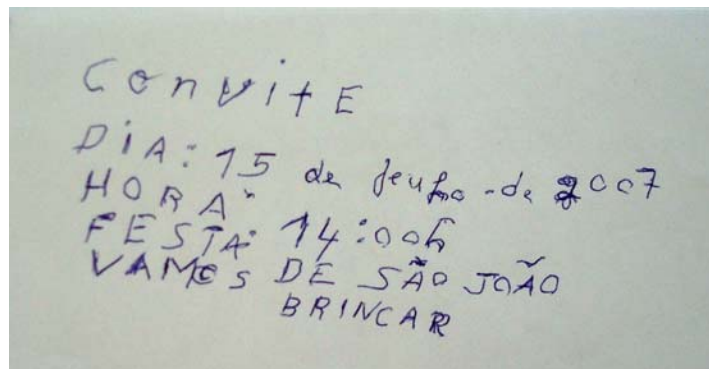


Figura 10 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no convite de festa junina

Ao observar a produção escrita de S03 (Figura 11), inicialmente pode surgir a impressão de que tudo está desorganizado. Na verdade, toda a idéia da atividade está expressa nesta produção escrita, como: tema da festa, dia, hora e local, recursos que caracterizam o gênero textual convite.

Mesmo seu texto apresentando palavras soltas, as palavras estão coerentes com o tema a ser abordado, o que reforça a necessidade de se considerar o contexto, visto que, o texto é muito mais que um amontoado e seqüência de palavras, é algo vivo que representa um sujeito e precisa ser visto desta forma.

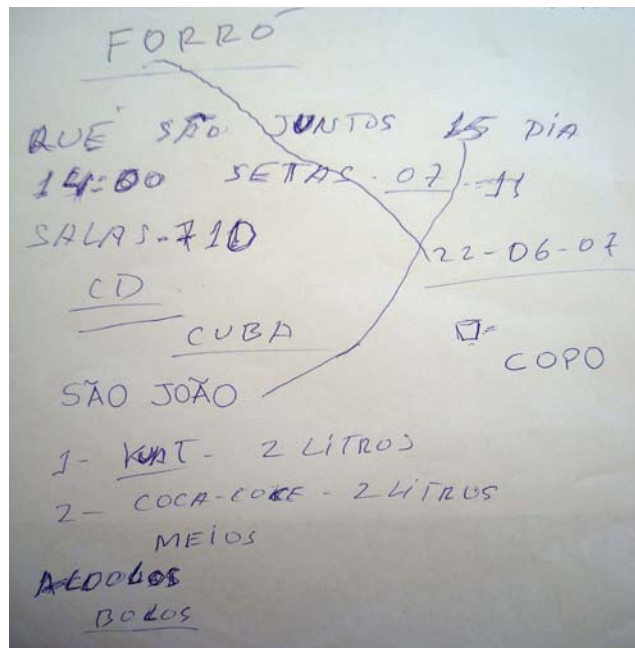


Figura 11 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no convite de festa junina

S04, bem como os demais participantes do grupo, não apresentou dificuldade em realizar este gênero textual, como pode ser observado em sua produção escrita (Figura 12), cujas características encontram-se presentes, embora, em alguns momentos, recorra ao uso de palavras soltas para se expressar.

Assim, cabe, aqui, destacar que mesmo acometido pela afasia o sujeito possui linguagem e que todos os recursos que ele precisa para se comunicar encontram-se dentro dele, precisando apenas ser resgatados. Daí a importância de, no trabalho fonoaudiológico com estes sujeitos, não tentar “ensinar” a linguagem, mas, sim, tentar resgatar o funcionamento da linguagem a partir de situações prazerosas e que façam parte do seu cotidiano.

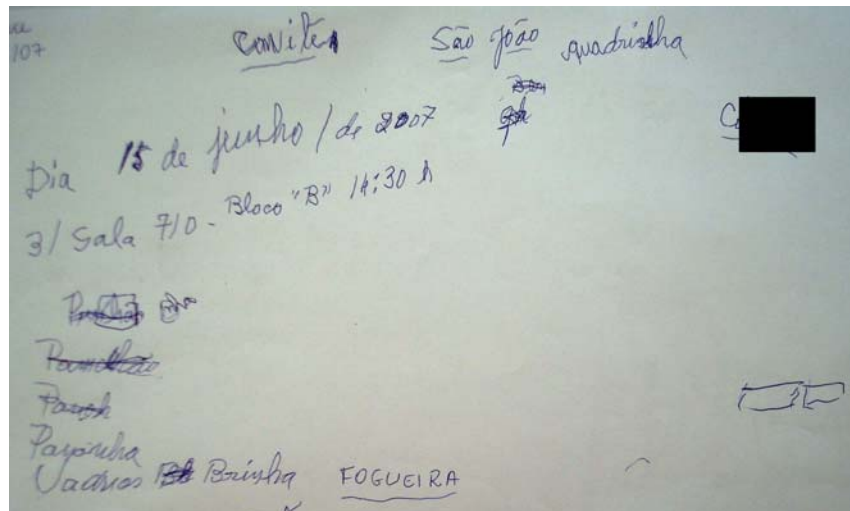


Figura 12 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) no convite de festa junina

Concluindo as observações acerca da produção do gênero convite, é possível constatar que todos os sujeitos pesquisados conseguiram produzi-lo. Mesmo com cada um dentro de suas limitações e particularidades, a maioria das características textuais deste gênero foi preservada: evento (temática), dia, hora e local, características básicas para compreensão, formação e concretização desta produção textual presentes em todos os textos.

É possível que, por serem textos presentes no cotidiano, o seu uso possa ser explicado a partir da questão do letramento, do contato e ocorrência deste gênero na vida destes sujeitos. Corrêa (1997) observou que os aspectos que estão relacionados com a questão do letramento tendem a ser preservados.

Pesquisas como esta nos levam a questionar a importância do grau de letramento para a realização de atividades diversas, e de que forma esta questão pode e deve ser abordada dentro do processo terapêutico, promovendo uma visão mais ampla e próxima da realidade no que se refere aos aspectos voltados para a linguagem.

Uma possibilidade de aproveitar este aspecto dentro da clínica seria inserir os gêneros textuais como sendo um recurso para diversificar a terapia fonoaudiológica em especial nas atividades de leitura. Como exemplo da relevância desta prática, tem-se os trabalhos realizados por Scarpa (2000, 2003) com a fala de crianças e de afásicos; nesses estudos foi possível observar que os fragmentos discursivos podem ser organizados como unidades prosódicas de domínios superiores, este aspecto pode ser utilizado como recurso, quando contextualizado, para contribuir positivamente no processo terapêutico.

A esta altura das discussões, um aspecto importante e que merece destaque foi a questão da cooperação entre os membros do grupo, fato este que ocorreu com bastante freqüência desde o início da oficina de escrita e tornou-se cada vez mais evidente. Foi perceptível que, mesmo com limitações, houve incentivo e colaboração mútua, através dos momentos de interação e compartilhamento de experiências. Estes fatores que contribuíram positivamente para o desenvolvimento das atividades.

4.1.4. Descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação

Após a realização da Oficina, os participantes da pesquisa escreveram sua opinião sobre o Grupo de Convivência e sobre a Oficina de Escrita. Este momento ficou bastante livre, uma vez que cada um pôde escolher sobre o que gostaria de escrever. Em seguida, foi solicitado que cada sujeito afásico relatasse (oralmente) para os outros participantes o que havia escrito.

S01 apresentou alguma dificuldade, como pode ser observado em seu texto. Ao escrever “Na fala estou → Quero um tema da fala” e “1- Melhor na fala” (Figura

13), demonstra conhecimento deste gênero textual, uma vez que conseguiu referir os dois aspectos (opinião e auto-avaliação) solicitados na atividade.

Ainda observando a sua produção escrita na primeira frase, S01 tentou referir que estava melhor na fala, iniciou a frase, mas interrompeu-a e iniciou logo em seguida outra frase, resgatando o pensamento e formulando novamente a frase. Este aspecto de refacção é uma característica praticamente exclusiva da escrita, já que é quase impossível de ocorrer na fala, pois o dito, dificilmente se retifica de forma eficaz.

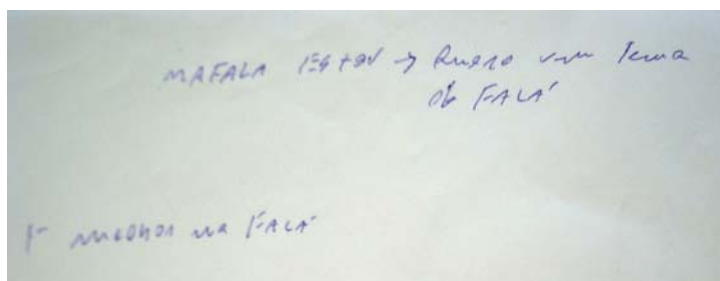


Figura 13 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação

Em contrapartida, S03 apresentou muita dificuldade para realizar esta atividade, claramente perceptível ao visualizar sua produção escrita (Figura 14). Neste caso em particular, apesar de utilizar palavras soltas, como nos textos anteriores, S03 fugiu da proposta da atividade, escrevendo as palavras fora do contexto.

O fato de S03 não ter realizado satisfatoriamente a atividade como solicitado leva a supor que o mesmo não compreendeu a atividade proposta e, por isso, escreveu palavras descontextualizadas. Por outro lado, é preciso levar em conta a dificuldade desta atividade que provoca confusão de sentimentos no sujeito.

Daí a necessidade de, ao se trabalhar com a linguagem, contextualizar as atividades e confirmar que os sujeitos participantes tenham compreendido a

finalidade, bem como considerar a questão da sensibilidade no tocante as suas dificuldades em decorrência da afasia, uma vez que, normalmente, os sujeitos titubeiam quando falam de sua patologia, já que não têm condição ou não gostam de falar das suas dificuldades.

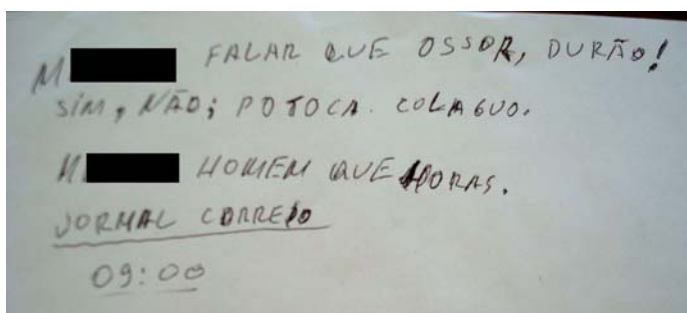


Figura 14 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação

S04 tentou recorrer à forma do gênero lista para formular a sua produção escrita nesta atividade (Figura 15). Esta tentativa é comprovada ao observar que a mesma escreveu as frases uma embaixo da outra e os símbolos que iniciavam as frases queriam representar números.

S04 não apresentou dificuldade em realizar este texto considerando que referiu os dados constitutivos do gênero em questão, como: explanação de opinião, acompanhada de sugestões e referência a questão do auto-conhecimento. Ao observar a quarta frase, nota-se que a mesma reconhece sua evolução nos aspectos ligados à modalidades oral e escrita.

Destaca-se, aqui, a relevância de trazer para a clínica fonoaudiológica gêneros textuais que possibilitem a produção espontânea dos sujeitos, embora, inicialmente a atividade requeira uma orientação. Atividades espontâneas estigam a imaginação e a criatividade, aspectos indispensáveis para a linguagem.

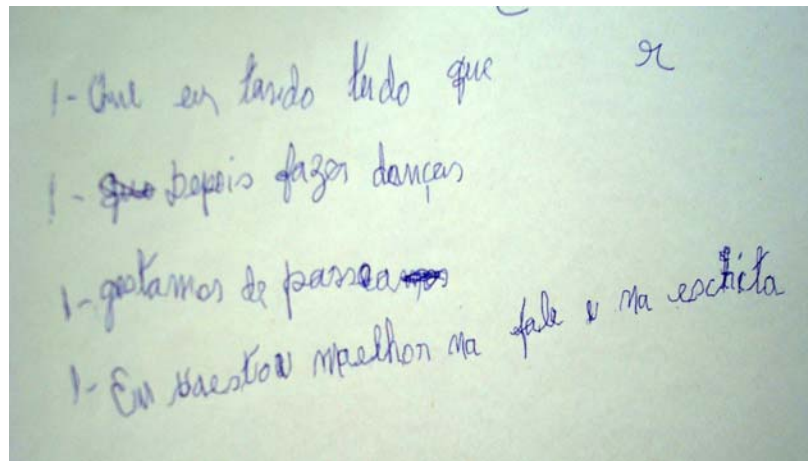


Figura 15 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação

É preciso considerar e compreender a questão da interação, inevitável para o estabelecimento das relações humanas. Esta questão é compreendida como interlocução dialógica, uma vez que a construção do texto possibilita a compreensão por outros sujeitos fora desta relação, caracterizando o texto como tal (MACEDO, 2005b).

Evidentemente, o contexto está diretamente ligado a esta questão, já que, segundo Dutra (2006), os modos de organização do discurso fundam-se em critérios intratextuais (lingüísticos e formais), em contraposição aos gêneros, que por sua vez, fundamentam-se em critérios extratextuais (sócio-comunicativos e discursivos). Daí a importância de realizar atividades contextualizadas, em especial no trabalho com sujeitos acometidos pela afasia.

4.1.5. História em quadrinhos

Para esta atividade foi utilizado o gênero textual quadrinhos. Nesta proposta, foi fornecida aos afásicos uma seqüência de história em quadrinhos em que o texto havia sido suprimido, para que eles elaborassem os diálogos do texto baseados na expressão facial dos personagens e no contexto situacional. Com esta proposta, foi

possível perceber que a maioria dos sujeitos pesquisados conseguiu compreender a história, mesmo apresentando dificuldade para elaborar adequadamente os diálogos, principalmente quando havia necessidade de criação da história.

A maioria dos afásicos realizou apenas a descrição escrita das imagens, ou seja, os diálogos representavam apenas o apoio visual, fugindo um pouco das características que compõem este tipo de gênero textual, como as interjeições e a linguagem escrita próxima das expressões da linguagem falada, ratificado por Marinho (2007), onde as histórias em quadrinhos são vistas como enredos narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada.

No que se refere à produção escrita propriamente dita, S01 (Figura 16) apesar de ser um dos participantes do grupo que apresenta menos problemas em se expressar oralmente, apresentou uma grande dificuldade na elaboração da escrita, bem comprometida, embora tenha sido possível perceber que compreendeu a proposta da atividade e o contexto da história.



Figura 16 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na história em quadrinhos

Em contrapartida, S02, apesar de estar inicialmente desanimado devido a problemas emocionais com doença na família, conseguiu realizar a atividade sugerida de forma bastante favorável (Figura 17). Inicialmente S02 expressava oralmente o que gostaria de escrever e a pesquisadora transformava a fala de S02 em escrita, como já referido anteriormente. Em seguida, S02 realizava a cópia. Contudo, é necessário frisar que, tudo o que foi escrito e copiado partiu do próprio sujeito. Assim, mesmo S02 apresentando dificuldade para escrever sozinho, foi

possível perceber com esta atividade que sua compreensão da história foi realmente satisfatória, produzindo um texto bastante coerente, tendo sido, dentre os sujeitos pesquisados, o que se saiu melhor na atividade, aproximando-se consideravelmente das características básicas deste tipo de gênero, como refere Mendonça (2005), posto que em seu texto apresenta interjeição, reduções vocabulares e reprodução da fala (conversa informal). Diante dos dados observados, é possível pensar em uma intervenção mais ampla, no aspecto da escrita, talvez trabalhando de maneira conjunta à escrita (grafia) e a fala, com atividades textuais, na qual o sujeito possa exercitar a questão da grafia das palavras.

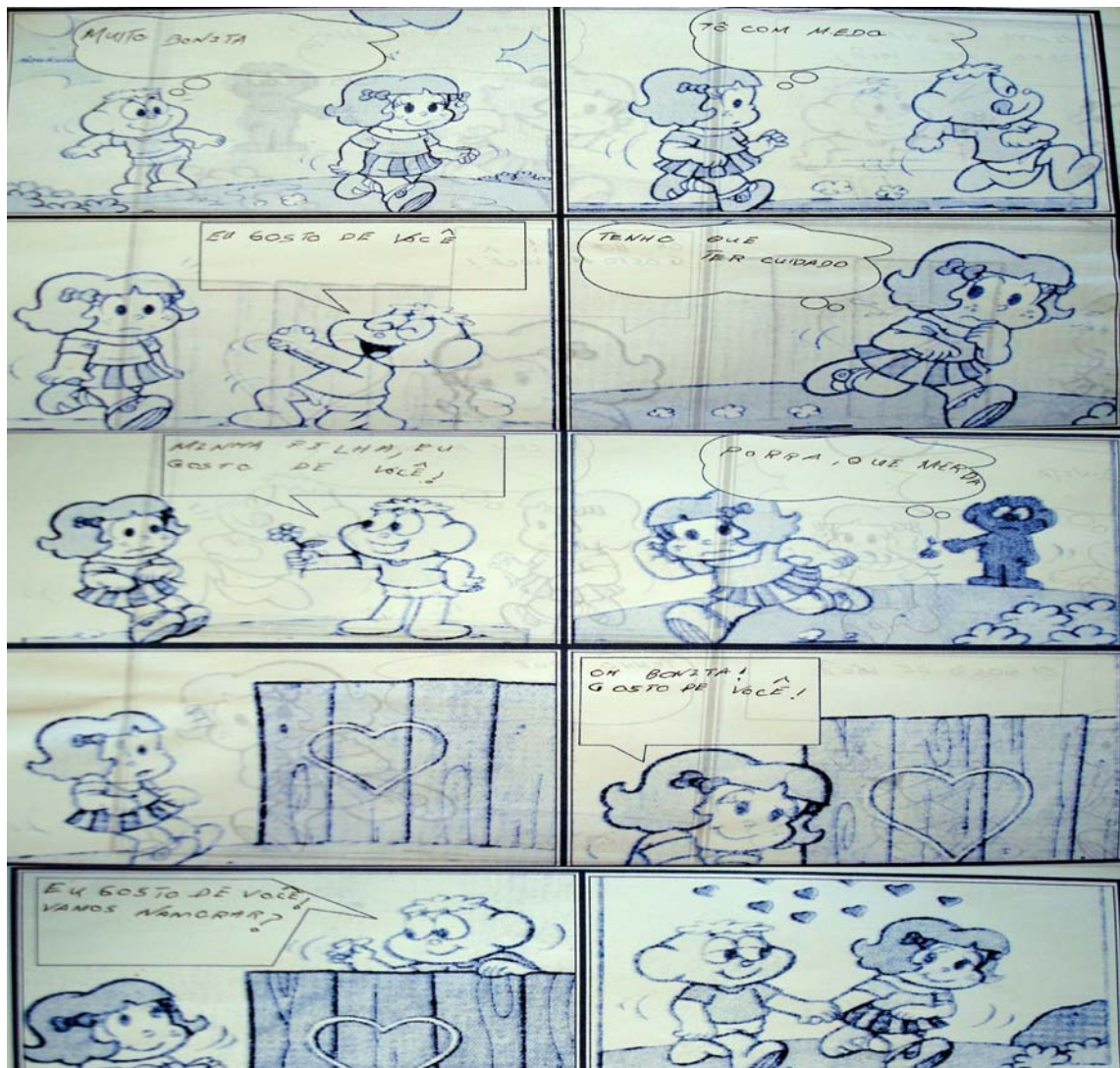


Figura 17 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na atividade de história em quadrinhos

S03 também conseguiu realizar a atividade de forma satisfatória, fato observado em sua produção escrita (Figura 18), em que demonstra que compreendeu a história, nomeando os personagens e formulando diálogos adequados, além de ter utilizado interjeições que é uma das características que compõe este gênero como referido anteriormente. O objetivo principal da história em quadrinhos, segundo Eguti (2001), é a narração de fatos, procurando reproduzir uma conversação natural, onde os personagens interagem face a face, expressando-se por palavras e expressões faciais e corporais.

É relevante referir o quão é significativo o uso de atividades prazerosas no trabalho com a afasia, como histórias em quadrinhos, mas é preciso ter cuidado ao utilizar este gênero textual em sujeitos adultos, no que diz respeito ao texto escolhido para não infantilizar o sujeito. Este aspecto precisa de uma atenção redobrada, visto que, pode ocorrer uma superproteção por parte dos familiares (BONINI, 1998) que acabam infantilizando o portador de afasia, daí a importância de trabalhar desinfantilizando ou mesmo prevenindo esta postura, muitas vezes adotadas não só pela família, mas pelo profissional que atua na área de afasia.

Neste estudo, a maioria dos participantes do grupo recebeu com satisfação esta proposta de atividade, o que ratifica o uso deste gênero textual como mais uma alternativa para o trabalho com o afásico.



Figura 18 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na história em quadrinhos

S04 chegou atrasada ao encontro e não realizou a atividade junto com os demais integrantes do grupo. Foi solicitado que a mesma realizasse a atividade em domicílio. Posteriormente, com a análise de sua produção escrita (Figura 19), foi possível perceber que S04 apresenta dificuldade em relação ao aspecto de criação de história, uma vez que apenas referiu o que estava representado nas imagens sem conseguir formular uma história. Contudo, assim como no estudo realizado por Marinho (2007), o pensamento foi verbalizado, diferentemente de uma conversação

real, já que é impossível um falante ter acesso aos pensamentos de seu interlocutor. Este aspecto indica uma característica do texto escrito.

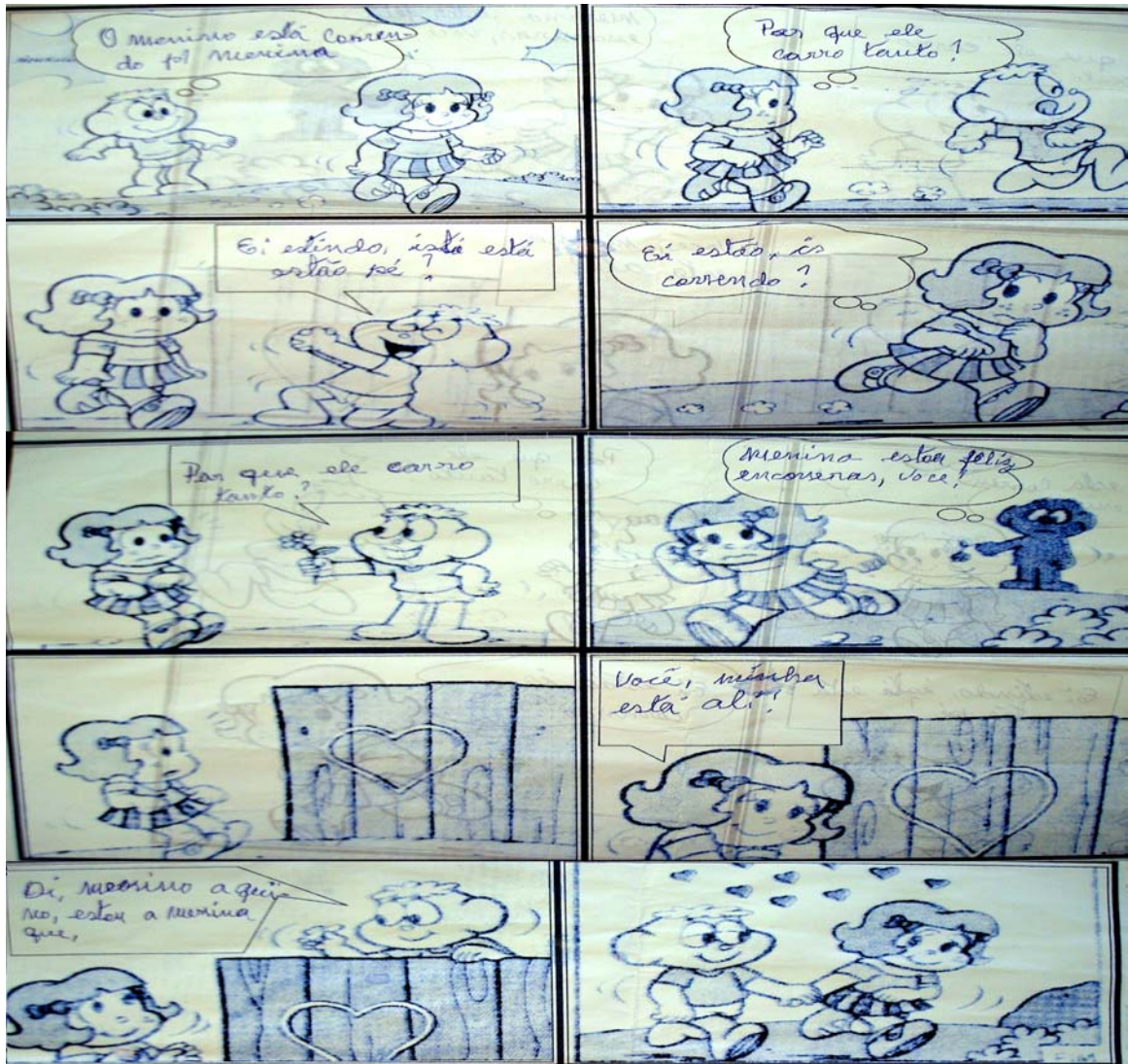


Figura 19 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na história em quadrinhos

A utilização deste gênero textual no trabalho fonoaudiológico é bastante enriquecedora, uma vez que as histórias em quadrinhos compõem uma linguagem simples, além de proporcionar uma situação prazerosa. Além disso, desperta no afásico o desejo de escrever, pois começa a ver na escrita mais uma possibilidade de comunicação.

4.1.6. Bula de remédio

É relevante destacar que, antes do início da atividade, S02 expôs alguns problemas que vem enfrentando em relação ao estado de saúde de seu filho mais novo. Este fato vem abalando emocionalmente S02, refletindo-se física e mentalmente, mais especificamente na questão da concentração, o que, segundo Morato (2000), também pode ser encontrado em sujeitos não acometidos pela afasia e que estejam sob influência de cansaço ou de estados emocionais intensos.

Após este momento, a atividade proposta para o dia foi iniciada, com uma explicação prévia sobre o gênero textual a ser trabalhado. Para isso, foi entregue um modelo de bula de remédio a cada sujeito. Posteriormente, foram escritos no quadro branco os elementos que deveriam constar no texto, como nome, substância, modo de usar, indicação e contra-indicação, visto que estes pontos caracterizam esta produção textual.

O gênero textual proposto não teve muita adesão dos sujeitos, que apresentaram dificuldade em produzi-lo. É o caso de S02 (Figura 20) que não compreendeu bem a proposta da atividade, não conseguindo, portanto, executá-la, nem mesmo através da cópia, recurso bastante utilizado por ele. Neste dia, mais do que nos outros, S02 encontrava-se bastante fragilizado, em consequência do problema familiar referido anteriormente.

Neste momento, é preciso frisar a questão do aspecto emocional frente ao trabalho com sujeitos portadores de afasia, que interfere diretamente no processo terapêutico. E, o emocional, em especial no afásico, encontra-se bastante alterado, uma vez que este sujeito, por si só, já possui um sentimento de incapacidade, que quando associado a fatores externos pode gerar quadros altamente comprometidos

emocionalmente, levando a uma estagnação e, alguma vezes, retrocesso no trabalho fonoaudiológico.

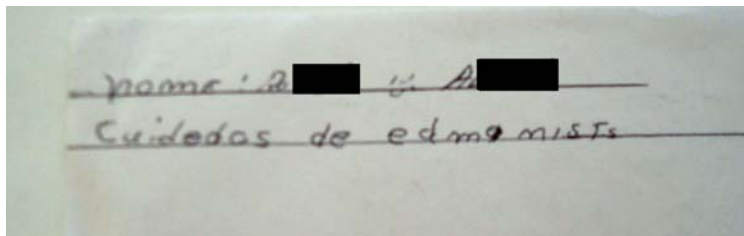


Figura 20 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na bula de remédio

S03 também apresentou grande limitação, embora tenha conseguido produzir, através de palavras soltas, a sua “bula de remédio”. Como de costume, além da escrita, recorreu ao desenho que, na verdade, é a base para sua comunicação, além de gestos, recurso explorado com sucesso por ele (Figura 21).

Fica evidente que S03 faz uso da escrita com o objetivo "não de escrever um texto, e sim falar um texto", ou seja, valer-se da escrita como um recurso expressivo: "o ato de escrever funciona como um suporte capaz de 'proporcionar-lhe' a comunicação, onde a escrita em si não comunica, apenas serve como um instrumento para deflagar a enunciação oral" (SANTANA, 1999, p.99). É o que se observa no momento em que S03 explica sua produção escrita.

Vale destacar que S03, como já mencionado, não apresenta oralidade, apoiando-se em outros recursos auxiliares para estabelecer a comunicação, a exemplo do que defende Von Tetzchener e Jesen (1996), de que a comunicação apoiada inclui todas as formas de comunicação na qual a expressão lingüística existe na forma física fora do usuário como, por exemplo, desenhos, sistemas de signos gráficos, quadro, computadores entre outras. Esta prática é bastante utilizada por S03, como se pode observar em suas produções escritas. Já nas demais atividades, têm-se como destaque o quadro (encontros do Grupo de Convivência) e

o computador (domicílio). Uma vez que estes recursos de comunicação alternativa são utilizados na ausência da oralidade como bem referiu Manzini (2000), a comunicação alternativa e/ou suplementar é um recurso empregado por um grupo de pessoas acometidas por algum tipo de alteração que impede a utilização da fala nas situações cotidianas de vida. É o caso de S03 que, mesmo acometido pela afasia, recorre e explora outras possibilidades de comunicação que não exclusivamente a oralidade.

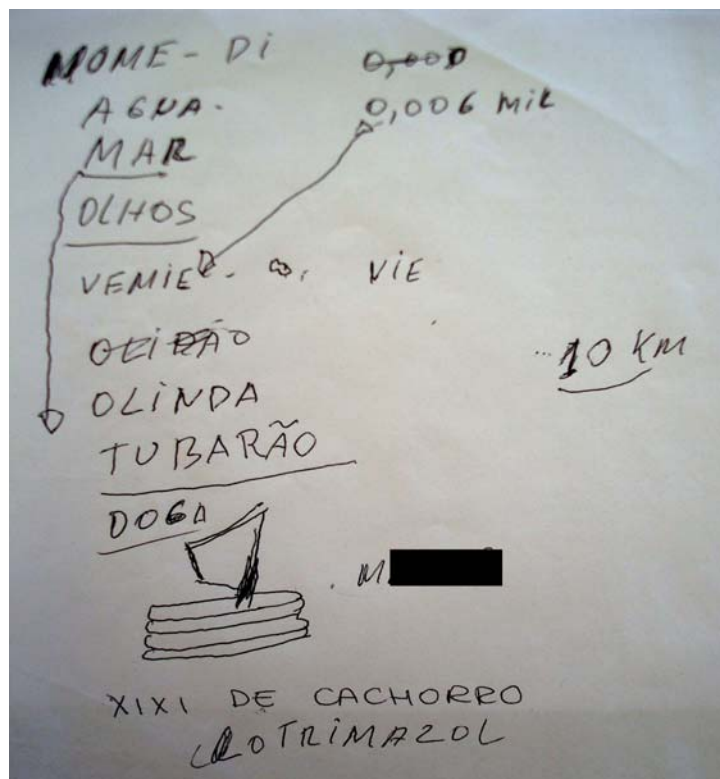


Figura 21 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na bula de remédio

Com esta atividade, foi possível observar, de forma clara, a grande dificuldade que os sujeitos pesquisados apresentam em relação a este gênero textual. Por outro lado, há a necessidade de abstração, visto que o remédio era para ser fictício, o que pode ter contribuído para aumentar a dificuldade dos sujeitos. Como lembrado por Goldstein (1961), a afasia é tida como uma deterioração da atitude abstrata (metalingüística), a qual se manifesta na linguagem dos sujeitos acometidos por

lesões cerebrais. E assim, levando a uma maior dificuldade no que se refere à combinação das palavras, que muitas vezes é notada pela presença do agramatismo nas produções do afásico.

Diante do observado e discutido até o momento, é necessário que sejam adotadas posturas que levem em conta o sujeito como um todo. Ao adotar esta postura, o profissional coloca-se mais próximo da realidade escrita do afásico, uma vez que, segundo Antônio (2004), na afasiologia, a linguagem escrita ainda pode ser vista de maneira estritamente clássica, concebendo a linguagem como código, ou seja, como estrutura ou sistema de regras pré-estabelecidas. Será que S02 não conseguiu realizar a produção escrita deste gênero, devido apenas ao fator emocional? Ou será que além do fator emocional, outros fatores estavam atuando diretamente em S02? Esses questionamentos, aparentemente simples nos levam a refletir e, mais uma vez, aceitar que o trabalho com linguagem, principalmente com pacientes afásicos, é muito mais complexo do que se imagina.

Um outro ponto que pode ser levantado é o fato de este gênero textual encontrar-se dentro do contínuo tipológico (MARCUSCHI, 1998) mais próximo da escrita, em especial dos aspectos mais formais da escrita. Assim, é possível que a dificuldade apresentada pelos sujeitos esteja relacionada à falta de interesse, já que supomos que eles lêem e têm contato com uma bula de remédio, mas talvez o problema encontre-se relacionado à “proximidade demasiada”, visto que indiretamente remete a afasia que, para eles, não é um ponto agradável. Além do fato, deste gênero necessitar de uma produção escrita mais elaborada. Infelizmente, com este estudo não foi possível responder a estes questionamentos, o que deixa uma abertura para estudos futuros sobre este tipo de produção textual.

4.1.7. Narrativa pessoal

Inicialmente, esta atividade ocorreu da seguinte forma: em um aparelho de som, foram colocadas músicas do conhecimento dos sujeitos participantes do Grupo de Convivência. Em um determinado momento, a música foi interrompida e o sujeito que soubesse deveria continuá-la ou dizer o seu nome, ou mesmo uma palavra isolada que a representasse. Os participantes que não conseguissem realizar nenhuma dessas opções poderiam cantarolar ou assoviar a música. Este recurso foi utilizado, em especial, por S03, que apresentava ausência de oralidade em sua comunicação. Com esta atividade, foi possível trabalhar a questão da fala automática e a memória. Posteriormente, foram realizados questionamentos ao grupo sobre músicas que lembrassem um momento marcante de suas vidas. Após a contextualização da proposta, foi solicitado que os sujeitos da pesquisa escrevessem uma história que representasse esse momento.

A escolha de narrativas aqui voltadas para o relato de vida, possibilita várias considerações relevantes, principalmente em sujeitos acometidos pela afasia. Reconstituir uma história, ou seja, elaborar um texto narrativo com um tema que representa a realidade pessoal do narrador é bastante significativo, uma vez que se criam e recriam representações que podem ser refletidas nos textos.

Em sua narrativa, S01 sintetizou sua produção escrita em uma frase: “O minha o J. conheram no Barro na casa de minha prima” (Figura 22), referindo que conheceu sua esposa na casa de sua prima no Barro (Bairro da região metropolitana do Recife). E, mesmo a frase apresentando-se de modo desorganizado e com ausência de algumas palavras, S01 conseguiu realizar a atividade proposta, uma vez que, neste trabalho, o foco é o funcionamento da linguagem do sujeito afásico e não os aspectos lingüísticos que precisam ou não constar em uma produção textual.

O menino e J. [redacted]. conheceu no dia do
na casa de minha prima
[redacted]

Figura 22 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) na narrativa pessoal

Já em relação a S03, é possível perceber palavras soltas, mais uma vez refletindo uma marca na produção escrita deste sujeito. Com este texto, S03 contou do seu relacionamento com a mãe de sua filha. Na figura 23, lê-se a seguinte história: Quando M. tinha 22 anos conheceu E. com 33 anos, este encontro aconteceu em fevereiro e o relacionamento dos dois durou 03 anos.

Olhando inicialmente o texto, sem uma explicação prévia, fica complicado compreender que as palavras soltas formam um texto que se encontra dentro da atividade proposta. No entanto, é possível afirmar que S03 não apresenta dificuldade quanto ao gênero textual relato de vida.

E [redacted] COM 33 ANOS, FEVEREIRO. M. [redacted]
22 ANOS. CEVALHER,
M. [redacted] 43 ANOS
MOCIDA 990
03 ANOS
6RA
22 ANOS

Figura 23 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na narrativa pessoal

S04 recorreu à utilização de nomes para contar sua história. Na figura 24, a história referida por S04 foi a seguinte: C. e M. encontraram-se no ônibus, ficaram se paquerando até que casaram e tiveram 03 (três filhos): A. C., M. e M. J. Hoje em dia eles são separados, mas toda vez que M. ouve músicas de Roberto Carlos ela lembra do seu ex-marido, pelo fato do nome do seu ex-marido ser C.

É obvio que toda essa explicação foi realizada oralmente por S04, fato este que só vem a corroborar o quão relevante é conhecer o contexto em que foi realizada a atividade, visto que, em alguns casos só observar a produção escrita pode levar a interpretações e análises equivocadas.

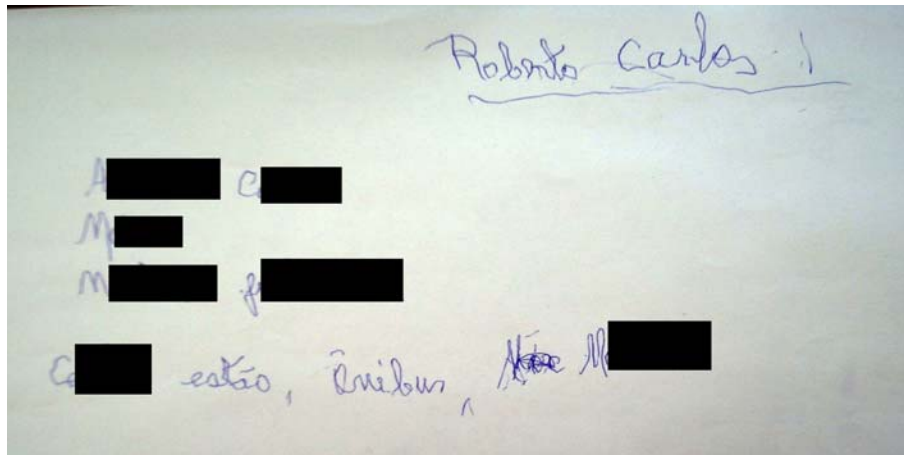


Figura 24 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) na narrativa pessoal

A princípio todas as produções pareciam um pouco confusas, contudo, como mencionado anteriormente, após a atividade escrita, todos os sujeitos tiveram a oportunidade de contar suas histórias ao grupo, proporcionando o esclarecimento de alguns aspectos que a princípio pareciam desorganizados e descontextualizados. Além de ter sido um trabalho bastante interessante, a atividade promoveu um momento de interação, no qual os afásicos se comunicaram entre si querendo saber detalhes da história dos outros.

Mais uma vez, para se compreender um texto é interessante recorrer ao que Costa Val (1991) propõe: o texto pode ser visto como uma unidade de linguagem em uso, a qual comprime uma função identificável num dado jogo de atuação sócio-comunicativa. Portanto, a preocupação de contextualizar e dar significado a cada atividade proposta nesta pesquisa, parte do princípio de que, segundo Sinclair (1993), existem boas razões teóricas para se tratar a noção de contexto, relevante para o estudo da constituição e aquisição da escrita (nas abordagens do letramento), assim como nas análises dos processos de compreensão, por permitir estender a reflexão do simples contexto situacional para as condições pragmáticas e cognitivas. Através deste procedimento, é possível obter resultados mais próximos da realidade dos sujeitos acometidos pela afasia, visto que o gênero “relato de vida”, quando adotado como uma narrativa de valor biográfico, pode ser entendido, de acordo com Bakhtin (2000), como um princípio organizador que pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso daquele que o escreve.

Portanto, este tipo de gênero é muito bem-vindo na atuação com portadores de afasia, pois é uma atividade prazerosa e bastante fácil de ser aplicada, posto que esta atividade escrita encontra-se bem próxima do gênero textual falado (conversa espontânea), com base no contínuo de Marcuschi (2001c), gênero já trabalhado de forma ampla na clínica fonoaudiológica.

4.1.8. Cartão de aniversário

Nesta atividade, os integrantes do grupo escreveram em cartões de aniversário oferecidos pela pesquisadora, para que eles pudessem, através da escrita, manifestar, seus votos de felicitações e, assim, presentear os integrantes que estavam aniversariando. Toda a atividade foi contextualizada, já que houve uma

festa comemorando os aniversários do mês de agosto, setembro e outubro. Este fato já faz parte da rotina da oficina, pois todas as atividades propostas são sempre embasadas e inseridas dentro de um contexto, uma vez que, como bem refere Pino (2000), a palavra e o seu significado é a referência sêmica para dar sentido à linguagem, que, sem significação, seria apenas um som.

S01 escreveu algumas palavras soltas, mas que representavam a proposta do contexto sugerido (Figura 25), uma vez que ele abordou as características básicas para este gênero, como: destinatário, votos de felicitações e assinatura. Mesmo estes aspectos encontrando-se de forma um pouco desorganizada, não prejudicou a compreensão do texto e nem o estabelecimento da comunicação.

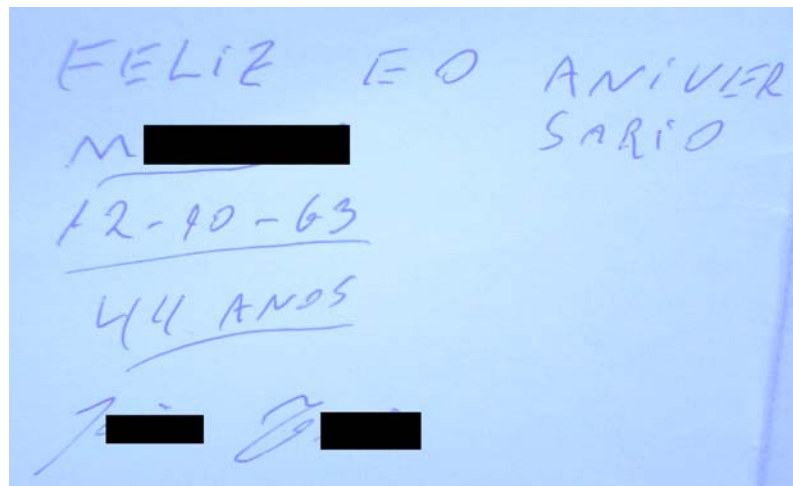


Figura 25 - Produção escrita do sujeito 01 (S01) no cartão de aniversário

S02 conseguiu organizar seu texto mais próximo do formato habitual encontrado nas diversas práticas sociais que fazem uso deste gênero textual (Figura 26). Vale ressaltar que as produções escritas deste sujeito continuam ocorrendo da mesma forma até agora, ou seja, através do apoio na escrita gráfica do outro.

No entanto, é preciso mencionar que é possível perceber a evolução na modalidade escrita, no que se refere à oralidade. S02 também apresentou

modificações bastante significativas. Inicialmente, sua escrita era através de palavras soltas e atualmente, agora já está formulando frases.

Fala e escrita apresentam uma relação muito estreita, fato este claramente expresso no caso de S02, pois, no início, tanto sua fala quanto sua escrita apresentava características de uma produção telegráfica, em oposição ao encontrado em suas produções recentes, as quais conseguem realizar-se dentro de uma prática discursiva.

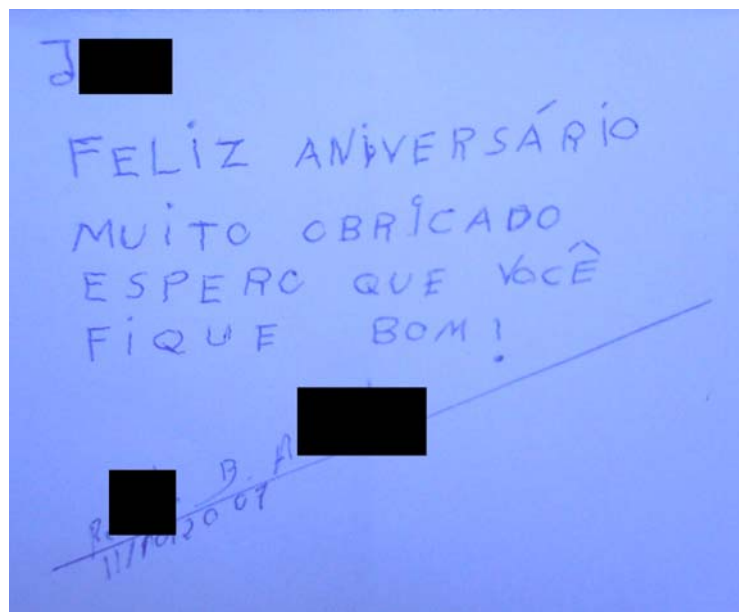


Figura 26 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) no cartão de aniversário

S03 não apresentou dificuldade quanto a este gênero, como pode ser observado em sua produção escrita (Figura 27), para o convite com os itens necessários para a realização deste gênero, tais como: destinatário, felicitações e assinatura.

É nítida a proximidade que os sujeitos demonstraram frente a este gênero em particular. Foi o caso de S03 que organizou o convite aproximando-se do modelo de organização necessário para a compreensão desta produção textual, representando exatamente o que queria comunicar e desejar para o outro aniversariante.

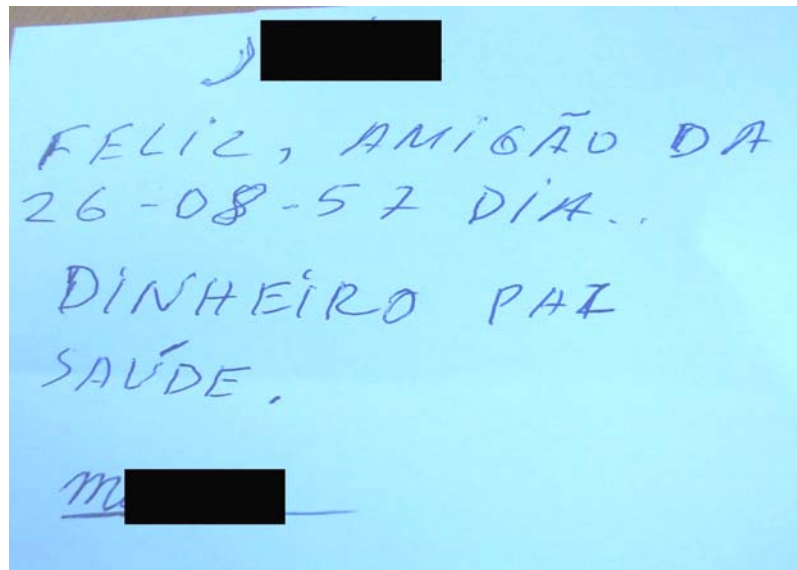


Figura 27 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) no cartão de aniversário

S04 foi o sujeito da pesquisa que mais apresentou dificuldade para realizar a atividade. Todavia, o que provavelmente interferiu em sua produção foi o fato dela ter chegado atrasada e os demais participantes do grupo já terem realizado a atividade.

Levando em consideração o contexto da situação, S04, mesmo utilizando duas palavras e uma referência à data, conseguiu transmitir sua mensagem para um dos aniversariantes (Figura 28). Outro fato que merece destaque é que, enquanto tentava produzir o seu texto, S04 ficou observando as produções prontas dos outros participantes, talvez na tentativa de copiar o texto produzido por eles. Mesmo assim, referiu as características básicas que constituem este gênero (destinatário, votos de felicitações e data).

Neste momento, destaca-se que, em algumas produções, uma única palavra pode transmitir uma mensagem que várias não consigam, e este aspecto vai depender de alguns fatores, dentre eles, o contexto e o interlocutor.

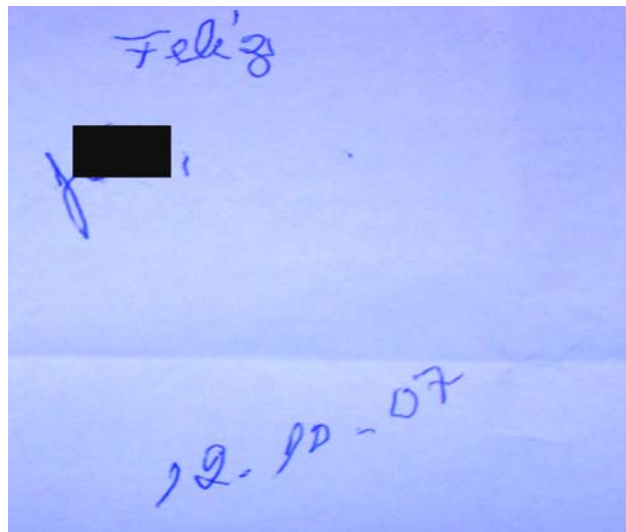


Figura 28 - Produção escrita do sujeito 04 (S04) no cartão de aniversário

Todos os participantes conseguiram atingir as características básicas para a composição deste gênero, uma vez que no início da produção escrita foi referido o nome do destinatário, os votos de felicitações e ao término o nome do destinatário.

4.1.9. Descrição de opinião sobre a festa de aniversário

Esta atividade escrita ocorreu da seguinte maneira: cada sujeito da pesquisa escreveu sua opinião sobre uma das atividades realizadas anteriormente, tendo-se destacado a festa de aniversário. Assim, foi trabalhada e observada a questão da narração (descrição de um fato).

Com a finalidade de gerar a cooperação entre os participantes, foi estimulada a formação de duplas. Assim, mesmo com suas limitações, cada sujeito conseguiu realizar a atividade, inicialmente, na forma escrita e depois na forma oral, já que cada participante referiu o que tinha escrito, não na íntegra, mas a idéia principal do que havia escrito.

Quanto à produção escrita deste gênero textual (Figura 29), foi possível observar que S02 realizou a atividade, do mesmo modo que na atividade anterior,

apoiando-se na grafia do outro, já que S02 produzia oralmente o seu texto, apenas transformado em texto escrito pela pesquisadora. Este aspecto é bastante importante, já que, de acordo com Fonseca e Vieira (2004), o fonoaudiólogo é o encarregado do restabelecimento da linguagem.

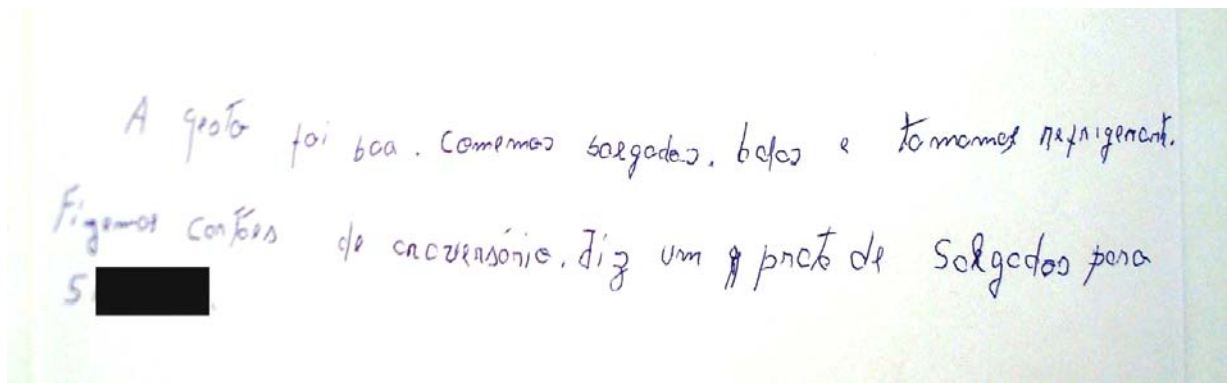


Figura 29 - Produção escrita do sujeito 02 (S02) na descrição de opinião sobre a festa de aniversário

S03 produziu frases soltas que se referiam a fatos ocorridos na festa de aniversário (Figura 30). Considerando a visão adotada para esta pesquisa, o texto produzido por S03 atingiu o objetivo esperado, que era transmitir, através da escrita, um fato ocorrido anteriormente, independente da questão ortográfica, conforme apresentado por Masini (1999), que discute a questão de que o foco de atenção na avaliação, seja ela escolar e/ou fonoaudiológica, da escrita incide sobre a ortografia, prejudicando outros aspectos do texto, e o quanto esta atitude anula e impede que muitas pessoas se utilizem de recursos expressivos para elaborar sua escrita.

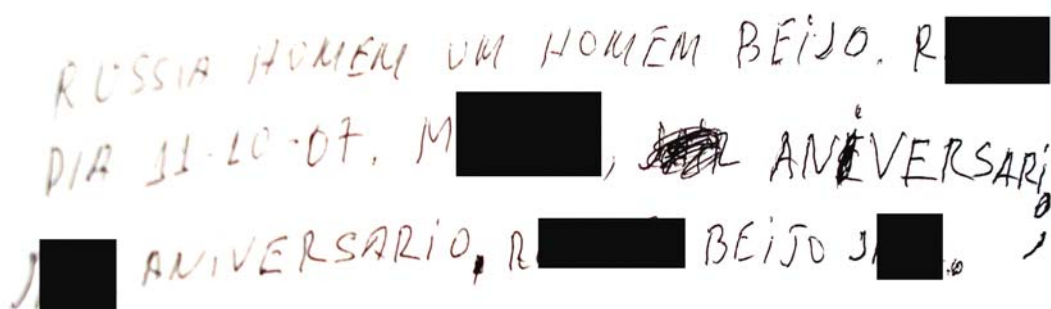


Figura 30 - Produção escrita do sujeito 03 (S03) na descrição de opinião sobre a festa de aniversário

Portanto, a importância de inserir, na clínica fonoaudiológica, atividades voltadas para a escrita, segundo Olson (1998, p. 90), reside no fato de que “a escrita transforma o discurso em objeto da consciência”, além disso, o trabalho que utiliza a linguagem escrita gera outras formas de diálogo.

Perrotta, Masini e März (2004) afirmam que, a partir da produção escrita dos diversos gêneros textuais, surgem outras possibilidades de diálogo com a paciente dentro do contexto terapêutico fonoaudiológico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos relacionados à afasia precisam ser mais explorados, apesar de já existirem muitos trabalhos nesta área. Este fato é justificável uma vez que, só há pouco tempo, as pesquisas nessa área passaram a considerar aspectos subjetivos desta patologia, que até então eram excluídos dos estudos.

De fato, esta atitude é compreensível, quando se refere à afasia, uma vez que ainda hoje é possível encontrar profissionais que seguem a linha do discurso organicista, acarretando uma ruptura no processo de funcionalidade da linguagem.

No caso deste trabalho, foi possível perceber que existem possibilidades de inserção de novas práticas no processo terapêutico do afásico, destacando-se, aqui, os gêneros textuais escritos. Vê-se esta atividade como mais uma alternativa de diálogo dentro desse processo, já que, na maioria das vezes, apenas a linguagem oral é enfocada, talvez pelo fato desta modalidade ser a principal demanda dos sujeitos acometidos pela afasia.

Conseqüentemente, a linguagem escrita é deixada de lado e, muitas vezes, chega a ser excluída do processo terapêutico, e em determinados casos esta linguagem encontra-se menos alterada e até preservada, podendo ser explorada com a finalidade de ser utilizada como recurso de apoio nas atividades discursivas, ou seja, de comunicação.

Fato este confirmado após a análise dos dados coletados, a partir da qual foi possível perceber que a prática da escrita pode ser um fator positivo no trabalho com afásicos, posto que, os sujeitos pesquisados conseguiram produzir com facilidade os gêneros textuais ligados a situações concretas. Além daqueles que se localizam próximos dos textos de uso falado, levando em consideração o contínuo

tipológico, como ocorreu na produção escrita dos seguintes gêneros textuais: descrição de características pessoais, anúncio de classificados, convite de festa junina, descrição de opinião sobre a Oficina de Escrita e auto-avaliação, narrativa pessoal, cartão de aniversário e descrição de opinião sobre a festa de aniversário.

Por outro lado, apresentaram dificuldade em produzir os gêneros textuais que se encontravam próximos de uma escrita mais formal, bem como, houve defasagem quanto à produção dos gêneros que necessitaram realizar uma relação com situações abstratas e criação de história, pois na afasia os aspectos relacionados à metalinguagem encontram-se alterados, este fato pode ser constatado nas produções dos gêneros textuais: história em quadrinhos e bula de remédio.

É importante que os profissionais que trabalham com afasia, em especial, os fonoaudiólogos, assumam uma postura funcional ao invés da organicista, uma vez que existe um *continuum* entre o funcionamento da linguagem do afásico e o de uma pessoa não acometida pela afasia frente a situações específicas. E; a partir desta postura incluir e abordar aspectos discursivos tanto nas avaliações, quanto no processo terapêutico.

Ao se adotar esta postura, será possível o distanciamento dos testes que focalizam usos descontextualizados da linguagem, os quais excluem os aspectos subjetivos e heterogêneos da linguagem, fatores imprescindíveis para representar de maneira fidedigna a linguagem dos sujeitos acometidos pela afasia.

Vale ressaltar que a (re)habilitação da afasia deve ser focada em um processo terapêutico, no qual os afásicos possam viver experiências como as que ocorrem nos gêneros textuais, para que se consolide um processo de re-elaboração do texto, vivenciando deste modo, práticas de escrita que só os gêneros escritos

podem proporcionar, uma vez que esta postura mostra-se como um caminho frutífero para o trabalho terapêutico fonoaudiológico.

Portanto, é bastante significativo o uso dos gêneros textuais, posto que, eles proporcionam o trabalho tanto na modalidade oral quanto na escrita. Toda a atividade que apresenta como base os gêneros promove o resgate do funcionamento da linguagem, possibilitando o retorno às relações sociais e/ou pessoais, que em grande parte dos casos encontra-se alterada devido à afasia.

6. REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M. (Re)escrevendo: o que muda?. *In*: ABAURRE, M. B. M., FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas da Aquisição da Escrita**: o sujeito e o trabalho com o texto. Campinas, São Paulo: ALB: Mercado das Letras, 1997.

ADAM, J. M. Textualité et séquentialité: le exemple de la description. **Langue Française**, n. 38. 1987. p. 51 -72.

ANTONIO, B. S. M. **Relações de Interdependência entre a Oralidade e a Escrita em um Caso de Afasia**. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Lingüísticos), Universidade federal de Curitiba. Curitiba, 2004. 145f.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Petrópolis: Vozes, 1987.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Edição original, 1979).

BAZERMAN, C. The life of genre, the life in the classroom. *In*: BISHOP, W.; OSTROM, H. **Genre and writing**: issues, arguments, alternatives. Portsmouth: Heinemann, 1997.

BEZERRA, M. A. **Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula**. Linguagem & Ensino, Vol. 1, No. 2, p. 27-38. Univ. Estadual da Paraíba, Univ. Federal de Alagoas. 1998.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOLDRINI, M. **As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idiomatismos.** (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Fapesp. Processo: 02/ 09040-0), Unicamp, 2004.

BONINI, D. **O papel da família na reabilitação do paciente afásico.** (Monografia de Especialização – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica – CEFAC), São Paulo, 1998. 43 f.

BOONE, D. R.; PLANTE, E. **Comunicação humana e seus distúrbios.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BOTELHO, J. M. **A natureza das modalidades oral e escrita** (UERJ e FEUDUC). 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/03.htm>>. Acesso: 07 de julho de 2007.

BOWEN, J. D. Da variação múltipla de registro no ensino de inglês. *In*: SOARES, M. (org.). **Didática de português.** Belo Horizonte: Opus, 1972. p. 101-114.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos.** São Paulo: EDUC, 1999.

BROWN, J. W. **Jargonaphasia.** New York: Academic Press. 1981.

BUSATO, V. **A noção de “Metalinguagem” no campo da Neurolingüística: Um estudo Enunciativo.** (Dissertação) Campinas, SP: [s.n.], 2001.

CAGLIARI, L. E. **Alfabetização e lingüística.** 5. ed. São Paulo: Scipione, 1992.

CAZELATO, S. E. **Estudo da Interpretação de Provérbios Equivalentes por Afásicos.** (Dissertação). Campinas, SP: [s.n.], 2003.

CHAFE, W. Integration and involvement in speaking, writing and oral literature. *In*: TANNEN, D. (ed.). **Spoken and written language.** Norwood, N. Jersey: Ablex, 1982.

_____. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. *In*: OLSON, D. et al. (ed.). **Literacy, language and learning.** Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CHAPEY, R. Introduction to language intervention strategies. *In*: CHAPEY, R. **Language Intervention in Adult Aphasia**. Williams & Wilkins, ed. Baltimore, 1996.

CHODREN, I. da S. **A contribuição do projeto Espaço de Aprender para o processo de letramento de servidores da UFSC**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. 81 f.

CORRÊA, M. L. G. **O Modo Heterogêneo de Constituição da Escrita**. IEL, Unicamp, Doutorado em Lingüística , 1997.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Repensando a Textualidade. *In*: AZEREDO, J. C. de. **Língua Portuguesa em Debate**. Petrópolis: Vozes, 2000.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, D. de A. C. da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) **Gêneros Textuais & Ensino**, 3ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 166-179.

DI NUCCI, E. P. O letramento escolar de jovens do ensino médio. **Revista Psicologia escolar e educacional**. v. 7, n. 2, Campinas, 2003.

DONZELI, C. **Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas metaenunciativas na linguagem de sujeitos afásicos**. (Iniciação Científica), Campinas, SP: [s.n.], 1998.

DUTRA, V. L. R. **A construção do texto argumentativo no primeiro segmento do ensino fundamental**. Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Estudos Lingüísticos XXXV, 2006. p. 1961-1969.

EGUTI, C. A. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. (Dissertação de Mestrado), São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001.

FIAD, R. S. (Re)escrevendo: o papel da escola. *In*: ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas da Aquisição da Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, São Paulo: ALB: Mercado das Letras, 1997.

FONSECA, S. C. da; VIEIRA, V. H. A afasia e o problema da convergência entre teoria e abordagens clínicas. **Revista Distúrbios da Comunicação**, 16(1): abril, São Paulo, 2004. p. 101-106.

GERALDI, J. W. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1999.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GÓES, M. C. R. A criança e a escrita: explorando a dimensão reflexiva do ato de escrever. *In*: SMOLKA, A. L. B.; GOES, M. C. R. (orgs.) **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar**. São Paulo: Papyrus, 1993.

GOLDSTEIN, K. **La naturaleza humana a la luz de la Psicopatologia**. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1961.

GOODGLASS, H.; KAPLAN, E. **The assessment of aphasia and related disorders**. Philadelphia: Lea & Febinger, 1984.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. Spoken and written modes of meaning. *In*: HOROWITZ, R.; KATO, M. A. **No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

HALLIDAY, M. A.; McINTOSH, A ; STREVEENS, P. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

HILGERT, J. G. **A Construção do texto "falado" por escrito: conversação na Internet**. Disponível em: <[http:// www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br)>. Acesso: 26 de setembro de 2007.

ISHARA, C. “Palavras” e “Não-Palavras” na Jargonafasia. **Estudos Lingüísticos XXXIV**, 2005. p. 1146-1151.

JAKUBOVICZ, R.; CUPELLO, R. C. M. **Introdução à afasia**: elementos para o diagnóstico e terapia. Rio de Janeiro: Edições Antares Universitária, 1981.

JAKUBOVICZ, R.; CUPELLO, R. C. M. **Introdução à Afasia**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

JAKUBOVICZ, R.; MEINBERG, R. C. **Introdução à Afasia** - elementos para o diagnóstico e terapia. Rio de Janeiro: Revinter, 1992.

JAKOBSON, R. **Sobre las perturbaciones afásicas desde el punto de vista lingüístico**. El marco del language. México: Fondo de Cultura Econômica, 1966.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. Editora: Cultrix, São Paulo, 2000.

KATO, M. **No Mundo da Escrita**: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Â. B. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: TASCIA, M. (org.) **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado das letras, 1995. p. 15-61.

LIMA, V. C. **As marcas de oralidade na produção escrita do aluno**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2016.html>>. Acesso: 07 de julho de 2007.

LÉTORNEAU, P. Y. Conseqüências psicológicas da Afasia. *In*: PONZIO, J.; LAFOND, D.; DEGIOVANI, R.; JOANETTE, Y.; TUBERO, A. L.; HORI, C. N. **O afásico**: convivendo com a lesão cerebral. São Paulo, 1995. p. 43- 62.

LINS, N. F. Gêneros discursivos e o ensino de linguagem. **Revista letra magna**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 04 n.06-1º Semestre de 2007.

LÚRIA, A. R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: USP, 1981.

MACEDO, H. de O Os Gêneros Textuais Escritos e as Afasias: o *Continuum* Oralidade e Escrita em Evidência. **Estudos Lingüísticos XXXIV**. 2005a. p. 1111-1116 .

_____. **O Processo de Refacção Textual na Linguagem Escrita de Sujeitos Afásicos**. Tese (Doutorado em Lingüística) Curso de Pós-graduação em Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005b. 227f.

MAGNANTI, C. O que se faz com a linguagem verbal? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 1, número 1, jul./dez. 2001

MANSUR, L. L.; SENAHA, M. L. H. Distúrbios de linguagem oral e escrita e hemisfério esquerdo. *In*: NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; MANSUR, L. L. **Neuropsicologia: das bases anatômicas à reabilitação**. São Paulo: Clínica Neurológica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 1996.

MANZINI, E. J. Conceitos básicos em comunicação alternativa – aumentativa. *In*: CARRARA, K. **Universidade, sociedade e Educação**. Marília: Unesp publicações, 2000. p. 163-178.

MARCUSCHI, L. A. **Lingüística de Texto: Como é e como se faz**. Séries Debates 1, Mestrado em Letras e Lingüística, Universidade Federal de Pernambuco 1983.

_____. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. **Anais língua falada e ensino**. Maceió: UFAL, 1994. p.27-48.

_____. **Contextualização e explicitude na fala e na escrita**. 1995.

_____. **Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais**. Recife, 1996. Trabalho não publicado

_____. **Por uma proposta para classificação dos gêneros textuais**. Versão provisória, revisto em setembro de 1998.

_____. **Gêneros textuais: o que são e como se escrevem**. (mimeo). Recife: UFPE, 2000.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, I. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001a.

_____. Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. *In: MARCUSCHI, L. A. **Letramento e Oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos***. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 2001b. p. 23-47.

_____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001 c.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. N., BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais & ensino***. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Oralidade e letramento como práticas sociais. *In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita***. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 31-55.

_____. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org). **Gêneros textuais: reflexões de ensino***. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 23-6.

MARINHO, E. S. **Histórias em quadrinhos a oralidade em sua construção**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno12-11.html>>. Acesso em: 23 de outubro de 2007.

MASINI, M. L. H. A escrita na clínica fonoaudiológica. **Revista Distúrbios da Comunicação** 10(2). São Paulo, 1999. p.193-204.

MELLO JR, J. de. O Livro digital. **Revista Editor**, ano 2, n. 8, fev./mar. 2000.

MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MORATO, E. M. **Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou as sem-razões do sentido**. (Tese) Campinas, SP: [s.n.], 1995.

_____. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. *In*: Lopes da Silva, F & Moura, H. M. de M. (org.). **O Direito à Fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

_____. Neurolingüística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. **Determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos**. Cadernos de Estudos Lingüísticos, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001b.

_____.(org). **Sobre as afasias e os Afásicos: Subsídios Teóricos e Práticos Elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. *In*: GIVÓN, T. (ed.). **Syntax and semantics**. v. 12, New York: Academic Press, 1979.

OLSON, D. R. A escrita e a mente. *In*: WERTSCH, J.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos sócio-culturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PONZIO, LAFOND, DEGIOVANI *et. al.* **O afásico convivendo com a lesão cerebral**. São Paulo:Maltesi e Santos, 1995.

PERROTTA, C.; MASINI, L.; MÄRTZ, M. L. W. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. **Distúrbios da Comunicação**, 16(2), agosto. São Paulo, 2004. p. 181-193.

PINO, A. O conceito de mediação semiótica em VYGOTSKY. *In*: **Caderno Cedes**. n. 24, 2. ed., Campinas: Papirus, 2000.

PRESTES, V. M. M. **Afasia e Plasticidade Cerebral**. Monografia de Especialização em Linguagem. Centro de Estudos em Fonoaudiologia Clínica (CEFAC), São Paulo, 1998. 60f.

RAMOS. J. M. **O espaço da oralidade na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REISDORFER, Í. M. S. **Produção de parafasias lexicais e semânticas**: reflexão a partir dos estudos sobre referenciação. *Estudos Lingüísticos* XXXV, 2006. p. 941-949

ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

ROCHA, H. A. B. **O lugar da linguagem no ensino de História**: entre a oralidade e a escrita. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006. 466f.

SANTANA, A. P. **O Lugar da Linguagem Escrita na Afasiologia**: implicações e perspectivas para a neurolingüística. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de pós-graduação em Lingüística, UNICAMP. São Paulo, 1999.

_____. Da Escrita à fala: reflexões da afasiologia. **Revista Fonoaudiologia Brasil**. v. 1, n. 2, Brasília, 2001a. p. 24-32.

_____. Discutindo a classificação das alterações da linguagem escrita nas afasias a partir de uma perspectiva discursiva. **Revista Distúrbios da Comunicação**. v. 12, n. 2, São Paulo, 2001b. p. 223-237.

_____. **Escrita e Afasia**: o lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus, 2002a.

_____. Como (não) se tem visto (o problema de) a avaliação da linguagem escrita nas afasias. *In*: ZORZI, J; MARCHESAN, I. (Org.). **Tópicos em Fonoaudiologia**. São Paulo: Revinter, 2002b, p. 127-141.

SANTANA, A. P; MACEDO, H.O. O Afásico e a linguagem escrita: algumas reflexões? *In*: DAUDEN, A. B de C; MORI de ANGELIS C. C. **Linguagem escrita**: tendências e reflexões sobre fonológico. São Paulo: Pancast, 2004, p. 135-148.

SANTOS, J. S. dos. Letramento, variação lingüística e ensino de português. **Revista Linguagem em Discurso**. v. 5, nº. 1, São Paulo, 2005.

SCARPA, E. M. “O recurso a níveis prosódicos superiores na aquisição e na afasia”. **Palavra**, v. II. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2000.

_____. Aquisição, afasia e hierarquia prosódica. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, 40, p.61 a 76, Campinas: Unicamp, 2003.

SILVA, J. Q. **Gênero discursivo e tipo textual**. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 1999. p. 87-106.

SINCLAIR, M. **Are academie texts really decontextualized and fully explicit?** A pragmatic perspective on the role of context in written communication. *Text*, 13, 1993. p. 529-558.

SMITH, F. **Writing and the writer**. 1. ed. United Kindgom: Heinemann, 1982.

SMOLKA, A. L. B. A dinâmica discursiva no ato de escrever: relações oralidade – escritura. *In*: SMOLKA, A. L. B.; GOES, M. C. R. (orgs.). **A Linguagem e o Outro no Espaço Escolar**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

_____. **A escrita no currículo e o “Efeito Mateus”**. *In*: VI Colóquio sobre Questões Curriculares e II Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares (mimeo), 2004.

SOUZA, D. S. G. de. **A Influência da Internet no Domínio da Escrita**: análises e inferências. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Curso de pós-graduação em Engenharia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. 135f

STREET, B. “Introduction: the new literacy studies”. *In*: STREET, B. (ed.) **Cross-Cultural Approaches to Literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 1-21.

STUBBS, M. **Educational Linguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

VIVAN, É. G. S.; **A produção escrita em língua estrangeira através do filme: a imagem em todas as suas possíveis articulações e em suas integrações com a palavra.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de produção), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. 120f

TANNEN, D. **Spoken and written language.** Norwood, N. J.: Ablex, 1982a.

_____. The oral/literate continuum in discourse. *In*: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy.** Norwood, NJ: Ablex, 1982b.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso.** São Paulo: Pontes Editores, 1988.

_____. **Letramento e Alfabetização.** (Coleção Questões da nossa época). São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *et al.* Investigando a Relação Oral/Escrito e as Teorias do Letramento. *In*: TFOUNI, L.V. **A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do Letramento.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação.** São Paulo: Cortez, 1996.

TUBERO, A. L. A História do Alfaiate: Processo Terapêutico de um Afásico. *In*: PASSOS, M.C. **Fonoaudiologia: Recriando seus Sentidos.** São Paulo: Plexus, 1996. p. 119-35.

_____. A Construção da referência Discursiva por Afásicos e Não Afásicos em Situação Interativa no CCA. *In*: MORATO, E. M. *et al.* **Linguagem, Interação e Sociedade: a experiência do centro de convivência de afásicos e não-afásicos, da Universidade Estadual de Campinas.** Campinas, São Paulo, 2002.

VON TETZCHNER, S.; JENSEN, M. H. **Augmentative and alternative communication.** European perspective. London, UK, Whurr Publishers Ltda, 1996.



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Recife, 26 de junho de 2007

PARECER Nº 059/2007 – CEP UNICAP

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião do dia 22 de junho de 2007, considerou **APROVADO**, o Projeto de Pesquisa registrado com o CAAE-0039.0.096.000-07 (CEP-055/2007), intitulado:

“A PRODUÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL NO AFÁSICO”, que tem, como pesquisadora principal:

Profa. Dra. Erideise Gurgel da Costa Silveira (CIÊNCIAS BIOLÓGICAS)

RESUMO DO PARECER

- O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

O Relatório Final deverá ser entregue em março / 2008, conforme cronograma apresentado no Projeto de Pesquisa aprovado.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar o CEP UNICAP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

*Pró-reitor Acadêmico – PRAc
Universidade Católica de Pernambuco*

Profa. Dra. Arminda Saconi Messias

*Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora Geral de Pesquisa
Universidade Católica de Pernambuco*

SAS 3375.4-0
26/06/2007 09:37:39

APÊNDICE I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A produção de gênero textual de afásicos

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: A produção de gênero textual de afásicos.

Se decidir participar, é importante que leia estas informações sobre a mesma e o seu papel enquanto participante nesta pesquisa.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com esta Instituição. No entanto, é preciso entender a natureza da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito.

O objetivo da pesquisa é identificar os gêneros textuais mais recorrentes na produção escrita do afásico.

Sua participação será realizar produções textuais, na modalidade escrita, de diferentes gêneros textuais. Estas produções serão realizadas de duas formas: espontânea e induzida. A coleta dos dados será realizada no local onde acontece a Oficina de Escrita do Grupo de Convivência de portadores de Afasia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Com o estudo pode haver apenas algum constrangimento ou desconforto durante a realização da pesquisa. Contudo, os procedimentos utilizados no estudo só serão realizados mediante consentimento do participante e será garantido o anonimato.

A participação na pesquisa não acarretará ônus para você. Com o resultado do estudo ocorrerão benefícios diretos para os participantes, uma vez que ajudará no desenvolvimento de sua comunicação escrita. Conseqüentemente, proporcionará um melhor conhecimento da utilização dos gêneros textuais na prática terapêutica de indivíduos afásicos. Além de promover a divulgação de informações científicas atualizadas sobre este tema. Ao final da pesquisa será enviada uma carta aos participantes da pesquisa com os resultados encontrados no estudo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Pesquisadora responsável: Ângela Aragão de Oliveira, telefone (81) 9915-8334; endereço: Rua Pinto Júnior, 223, Prado, Recife - PE.

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que fui informado sobre os métodos em que o estudo será realizado, os benefícios e eventos adversos que podem vir a ocorrer durante o andamento da pesquisa.

Declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas, para participar como voluntário, deste estudo.

Assinatura do participante

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante. Tenho bastante clareza que o participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

Assinatura do pesquisador

Local e Data

Assinatura da Testemunha 1

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA

Assinatura da Testemunha 2

Local e data

NOME EM LETRA DE FORMA